

Portales

The Undergraduate Literary Journal
of the Department of Latin American and Iberian Cultures
at Columbia University



Portales: Brazil and the Lusophone World

Special Issue 1
Spring 2017

Table of Contents

Editorial.....	3
Cayann, Nícollas. De América "Hispanica" à "Latina": O Brasil como parte da ideia de América Latina.....	5
de Oliveira Veloso Silva, Tiago. Viola Caipira e a Identidade Sertaneja.....	21
Maris Jones, Gillian. Entre Livros e Filmes: A força simbólica da África no imaginário nacional português.....	23
Gama de Paula, Larissa. Black and Middle Class: Analyzing the Evolution of <i>Novelas</i> in Brazil.....	39
Appendix.....	49

Editor-in-chief

Larissa Guimarães (CC '18)

Managing Editor

Eunice Rodríguez Ferguson

Faculty Advisor

João Nemi Neto

Editorial Board

Emily Felsen (BC '18)

Natalie Felsen (CC '16)

Eliana Kanefield (CC '17)

Fiona Kibblewhite (CC '19)

Cover and Back Matter Art

Lexi Weber (BC '17)

Photography Submission

Anneliese Mesa-Jonassen (CC '17)

Contributing Authors

Nícollas Cayann

Gillian Maris Jones

Larissa Gama de Paula

Tiago de Oliveira Veloso Silva

Portales: The LAIC Journal of Undergraduate Research

*Department of Latin American and Iberian Cultures
Columbia University*

Editorial

When Plato modeled the ideal Republic, 300 years before the Common Era, the author proposed that the development of knowledge was a task to be designated to few citizens. Only those who were qualified should take on this aspect of improvement of the State. And while the idea of State was not entirely developed then, a general understanding regarding duties of the body politic towards society seemed to already exist.

Although Plato's project for the Republic was not fulfilled in its entirety, we may propose that the citizen-guardians of knowledge, as put by the Greek author, would come to be about two thousand years later. Of course, Plato did not know about the avant-garde, or, more specifically, the 'platonian avant-garde;' such could be called the group that, formed in Europe mid-17th century, was largely responsible for the evolution of tecnocracy and later developed to take on the responsibility of challenging intellectual ideas in the context of the bourgeoisie. That is, qualifying that group as a 'platonian avant-garde' is an allusion not only to their work in the intellectual realm, but also to the ideal conditions their environment offered for the intellectual quest.

Yet the two thousand years that preceded the 'platonian avant-garde' witnessed many other groups engaging in intellectual pursuits similar in character to those faced by the 17th century intellectuals. That is, that of challenging and resisting the paradigms of the epoque. And although these could also be considered avant-garde movements if one considers the

scope of their thoughts and objects, their concerns seldom rose to the 'platonian avant-garde;' existing amidst hostility, it is a victory when progressive ideas that are born out of minorities can simply resist the sweep of Time. For this kind of avant-gardists are, to this day, citizens who have challenging ideas but no voice to lead the minds of the Republic.

It is in the context of changing the role of the 'platonian avant-garde,' in which we hope to be inserted, that this special issue of *Portales* exists. When the contemporary State - now large and, sometimes, all-encompassing - seems to be on the verge of collapsing, it is the duty of the avant-garde to put forth the ideas of all citizens. Fostering dialogue among different educational institutions, individuals, languages and even countries, we hope that this issue will mediate, and ultimately, translate, a myriad ideas that deserve to be discussed by all that would like to commit to progress.

Thus, the editorial board extends its gratitude firstly to all contributors who worked on the issue, and finally, to the environment that universities' commitment to education provide us: one where we can freely and consciously reflect on our role, one that transcends our citizenship and questions our role as human beings.

Larissa Guimarães is an undergraduate at Columbia College '18 majoring in Architecture. Contact her at guimaraes.larissa@columbia.edu.

De América “Hispânica” à “Latina”: O Brasil como parte da ideia de América Latina

by N. Cayann

Resumo:

Partindo de bibliografias pós-coloniais e históricas das Relações Internacionais e considerando seus reflexos na região sul do continente americano, o artigo busca analisar a transição do conceito de América “Hispânica” para América “Latina” e evidenciar, através de recursos intelectuais e perspectiva histórica, o processo de pertencimento do Brasil dentro da ideia de “América Latina” – inclusive em diferentes âmbitos como intelectual/cultural e político/diplomático. Alicerçado nos relatos do historiador brasileiro Leslie Bethell e nos princípios decoloniais já apontados por autores como Walter Mignolo, o artigo traça o percurso da terminologia exógena de América Latina até o processo endógeno de apropriação por parte dos territórios latinoamericanos, projetando uma conversa, nos atributos pós-coloniais, entre as ideias de criação de Ocidente e Oriente de Edward Said. Além de apresentar os tópicos já supracitados, o artigo busca também promover uma reflexão a respeito da latinidade feita através de uma visão sul-americana e não por uma ótica europeia ou norte americana, como costumeiramente ocorre.

Introdução:

A construção da ideia de América Latina é um processo longo e impresso nos *damnés* do continente americano.^a Esse debate identitário, que tomou formas políticas, sociais, culturais, linguísticas, entre outras esferas – continua em vigor e em transição.

Através das técnicas de pesquisa documental e análise bibliográfica, bem como usufruindo de fontes secundárias em uma abordagem qualitativa, o artigo busca evidenciar a transição da ideia de América “Hispanica” para a ideia de América “Latina”, com o objetivo específico de compreender como se deu a entrada do Brasil no constructo do termo América Latina. Baseado em importantes contribuições do historiador brasileiro Leslie Bethell e na perspectiva decolonial de Walter Mingolo, o artigo traça brevemente o curso da terminologia exógena de América Latina até o processo de apropriação de tal por parte dos territórios latino-americanos.

O artigo busca evidenciar a hipótese de que a América Latina é uma ideia e que o Brasil, em um momento da história, passa a ser parte dessa construção. Para tanto, o artigo se utiliza de processos intelectuais e momentos históricos, mas também de variadas mídias como filmes e jornais. Como estratégia analítica, delimitou-se três eixos referentes ao pertencimento do Brasil como parte da ideia de América Latina: 1) o reconhecimento do Brasil como tal por parte dos Estados Unidos da

América; 2) a acolhida do Brasil pelos intelectuais de herança hispânica em suas obras artísticas, literárias, e acadêmicas; 3) o posicionamento do próprio Brasil como parte da América Latina. Esse último eixo se dá em mais de uma esfera, e é dividido em dois níveis: o nível intelectual-cultural (com base na produção intelectual e cultural do Brasil) e o nível político-diplomático.

A Iracema Hispanica:

O entendimento da transição entre América “Hispanica” e a América “Latina” é necessário para a compreensão da gênese de América Latina como ideia. Em termos conceituais, a primeira parte do desenvolvimento da pesquisa demonstra como se deu essa transição e como o Brasil era um país à parte desses acontecimentos no período pré-1850.

Em 1507, quando o mapa do cartógrafo alemão Martín Waldseemüller designava como América o território até então identificado como o Novo Mundo, não se sabia que logo esse também passaria a ser o nome do território que se estendia ao seu norte. O país sem nome, até então Estados Unidos do norte da América, veio a arrebatar o nome América para si no século XIX.

No mesmo período, as colônias ibéricas, do continente americano, sofriam com o parasitismo social promovido pela Europa colonizadora – viviam “à custa de iniquidades e extorsões”.^b Foi na primeira metade do século XIX que tomaram vigor os movimentos independentistas

^a Termo utilizado pelo autor Franz Fanon no livro *Les Damnés de la Terre*, para designar os condenados da terra, ou seja, os nativos das terras que sofriam o processo de colonização; ver referências.

^b Manoel Bomfim foi um autor brasileiro que já via o mundo de forma “pós-colonial” (mesmo que a teoria, como recurso crítico, só venha em 1970). Trabalhava com uma narrativa de resistência aos ideais do Norte Global; ver referências.

das colônias espanholas. Em uma tentativa abrupta de solidificar a região de ex-colônias espanholas, surge então o termo hispano-américa que foi frequentemente utilizado no pós-independência das ex-colônias espanholas na primeira metade do século XIX.⁴ Inclusive, é um pouco controverso que em uma proposta de identificação uniforme dos aspectos culturais e linguísticos da região em um período pós-independência surgisse um termo tão eurocêntrico como América Hispânica/Hispano-América, visto que um dos princípios de tais movimentos era o desligamento com o período colonial – sinal de uma possível supremacia das *Elites Criollas*.^c Porém, o foco político da mudança seria o de demonstrar, no meio internacional, que existia uma união dos territórios da América Hispânica como forma de afrontar possíveis agressões tanto da Europa colonizadora quanto da nova potência regional Estados Unidos.

A América Hispânica veio como um a tentativa de afirmar uma identidade anti-imperialista pós-1823 com a Doutrina Monroe^d, que usava o lema “América para os americanos”, bem passível de ser lido como “América para os norte-americanos”.⁴ É também nesse período que os Estados Unidos começam a fazer o processo de passagem de um EUA pós-colonial do século XIX para um EUA imperialista do século XX.

Contudo, o nome então contemporâneo da região Sul-Americana foi adotado, e “América Hispânica” era o novo termo utiliza-

do nos discursos de líderes de movimentos emancipatórios e independentistas. Apesar desse contexto, em 1826, na Conferência do Panamá, Simón Bolívar utilizou o termo “América” para se referir ao território correspondente às ex-colônias espanholas. Nos anos subsequentes, mais especificamente durante o Congresso de Lima, em 1848, e o de Santiago do Chile, em 1856, verifica-se um forte empenho na construção da ideia de América Hispânica,⁴ da qual o Brasil não fazia parte, embora tivesse deixado de ser colônia portuguesa em 1822.

O contexto em que as ex-colônias espanholas deixam de ser América e transformam-se em América Hispânica, assim como as ameaças representadas pelas elites europeias e pelos Estados Unidos (expansões territoriais) são de suma importância para a compreensão da construção de América Latina, assim como são relevantes para o entendimento de como e quando o Brasil se torna membro do constructo latino (histórico-conceitual) adotado pelos vizinhos de herança hispânica.

O Latim é uma língua nascida na região do Lácio, e foi dessa língua mãe que surgiram idiomas como italiano, espanhol, português, romeno, francês e outros. Junto com esses idiomas, que deram identidade a novos povos, foi também agregado um novo valor cultural. “Latinidade” é um termo utilizado para fazer referência aos povos latinos. Como Latinidade (latim: *Latinitas*) entende-se o conjunto dos povos latinos e seu

^c “Elites Criollas” é um termo utilizado pelo autor Walter Mignolo para designar os mestiços com descendência europeia; ver referências.

^d A Doutrina Monroe instituída por James Monroe, presidente dos EUA de 1817 a 1825, tinha como um dos principais pilares o impedimento de um novo período colonial, por parte dos europeus, no continente Americano,²⁷ mas isso não impediu o imperialismo por parte dos EUA no século XX.

respectivo modo cultural e social de ser. É um termo que acolhe diferentes culturas, religiões, costumes e idiomas de origem latina.¹¹

É praticamente senso comum entre os pesquisadores da área que o conceito de “América Latina” é francófono (*Amérique Latine*). O termo era utilizado para designar o território mexicano (1861-1867) que vivia sob efeito imperialista da França sob o comando de Napoleão III. Parte da parcela intelectual francesa da época afirmava que existia unidade entre os povos latinos, representadas por afinidades no âmbito cultural e linguístico, e entendia que a França era a inspiração para esses povos na luta de oposição à ameaça anglo-saxônica. Evidentemente, a preocupação maior era com os Estados Unidos.⁴

Alain Rouquié (1991), um dos primeiros estudiosos da ideia de América Latina, já afirmava que o conceito é problemático. O que definiria a América Latina? Geograficamente, seria então correto dizer que o Suriname, onde se fala neerlandês, ou Belize, onde se fala inglês, são parte da América Latina? Deve-se chamar de latina a Guatemala, onde fala-se mais de 23 línguas maias e inclusive existem documentos oficiais traduzidos para esses idiomas? Ou ainda, pode-se chamar de latino o povo equatoriano, que é nativo do quéchua? Entra em questão aqui um debate já levantado por Walter Mignolo (2005): Quão latina seria de fato a América Latina? O debate a respeito da latinidade na América Latina levantado por Mignolo no livro *La Idea de América Latina* (2005) implica que a designação latina acomodava aspectos culturais, religiosos e linguísticos que diziam respeito apenas às *Elites Criollas*. Ocultando, assim, na narrativa de “lati-

nidade,” os aspectos identitários não apenas dos povos originários da região sul do continente americano como também dos povos africanos que vivem no mesmo espaço geográfico.

A latinidade na América Latina não é de fato apenas geográfica ou cultural, mas uma mistura dos dois aspectos. Todavia, como já foi mencionado, a ideia essencialmente surgiu como oposição à ideia de América Anglo-Saxônica.

Ao escrever o romântico poema “Pequeña América” publicado no livro *Los Versos del Capitán*, em 1952, Pablo Neruda certamente fazia referência à ideia de América Latina existente:

Cuando miro la forma
de América en el mapa,
amor, a ti te veo:
las alturas del cobre en tu cabeza,
tus pechos, trigo y nieve,
tu cintura delgada,
veloces ríos que palpitan, dulces
colinas y praderas
y en el frío del sur tus pies terminan
su geografía de oro duplicado.

...Y así mi patria extensa me recibe,
pequeña América, en tu cuerpo.²³

A “pequena América” que Neruda encontrava no corpólirico de sua amada, provavelmente, não era um pedaço da América Anglo-Saxônica, mas sim daquilo que veio a ser concebido como América Latina na segunda metade do século XIX.

Aponta-se como a primeira publicação do termo América Latina a obra *Recueil Complet* de Charles Calvo – contando com vinte volumes de 400 a 500 páginas cada um. Os primeiros

volumes foram publicados em 1862.¹¹ Porém, de acordo com um influente ensaio do autor John Leddy Phelan intitulado *Pan-Latinism, French Intervention in Mexico (1861-7) and the Genesis of the Idea of Latin America*, de 1968, o primeiro a utilizar o termo América Latina seria L. M. Tisserand em um artigo publicado na revista *Revue des Races Latines* sob o nome de *Situation de la Latinité* em 1861.

Embora a ideia conceitual de América Latina seja de cunho francófono, o registro mais antigo do uso da expressão América Latina é de origem sul-americana. De acordo com Arturo Ardao (1965), o poema feito por José Maria Torres Caicedo – jornalista, crítico e poeta colombiano – intitulado *Las Dos Américas*, é o registro gráfico mais antigo do uso da expressão América Latina. Escrito em 1856, quando Torres Caicedo residia em Paris, o longo poema foi publicado no jornal *El Correo de Ultramar* em fevereiro de 1857. O poema faz significativas referências a termos como América do Sul e América Espanhola, e o autor encerra com um apelo de união entre os povos do sul contra o povo que vive na região norte do continente americano. O trecho do poema em que é mencionado o termo América Latina, segue assim:

La raza de la América latina
Al frente tiene la sajona rasa,
Enemiga mortal que já amenaza
Su libertad destruir y su pendón.

Independentemente de quem primeiro utilizou o termo, a construção do conceito se

deu em meio aos intelectuais franceses. O próprio Torres Caicedo residia em Paris na época do registro mencionado. A produção exógena do termo América Latina, embora deixasse de lado inúmeras culturas e não referenciasse religiões ou idiomas oriundos da própria região geográfica a que se referia, aparentemente agradou às tais *Elites Criollas*. Afinal de contas, o termo foi adotado pelos intelectuais latino-americanos, e pouco a pouco, com a influência do norte global na compreensão do que era América Latina, o restante do mundo começou também a compreender a região por esse nome.⁴

Cabe mencionar o escritor indiano Edward Said, autor do livro chamado *Orientalismo, o Oriente como invenção do Ocidente* (1978). Embora Said afirme que a metade sul do continente americano faz parte do Ocidente, o processo de significação e terminologia de América Latina se assemelha muito ao processo que resultou no termo “Oriente”. A necessidade de diferenciar, de designar, conhecer o “outro” – por parte da empresa colonial – fez com que a América transmutasse para América Hispânica e mais tarde para Latina. Para Said, o Orientalismo vem como uma afirmação de poder europeu-atlântico, imperialista e colonialista em relação ao Oriente, muito mais do que como um relato verídico do local – diferente daquilo que prega a vertente acadêmica do Orientalismo.^e Aqui, a principal diferença seria que no Oriente, o Orientalismo não foi completamente abraçado, enquanto na América Latina a terminologia aos poucos tomou

^e É comum nos Estados Unidos, bem como no resto do norte global, a ideia de estudos de área. Uma dessas áreas é o Orientalismo, e outra dessas os Latin Studies que consideram a América Latina como objeto de estudo. Um exemplo é a LASA (Latin American Studies Association) que tem sede nos EUA.

forma e tornou-se parte integrante da região.

A terminologia América Latina e sua aplicação viriam substituir aquilo que era conhecido por América Hispânica.⁴ Entretanto, o Brasil não fazia parte da ideia de América Hispânica antes da formação do conceito. Como, então, se deu o pertencimento do Brasil como parte integrante do constructo da ideia de América Latina?

Com o propósito de evitar uma possível expansão norte-americana em 1860, assim como intervenções da França no México, e o expansionismo espanhol, os países da América Espanhola promoveram conferências com o intuito de debater problemas comuns. Alguns dos eventos foram: Congresso do Panamá (1826), Lima (1847), Santiago do Chile (1856), Lima (1864) , e Caracas (1883).

Segundo o diplomata e historiador Luís Cláudio Villfañe Gomes Santos (2005), as Repúblicas da América Hispânica cultivavam certa desconfiança do vizinho que, além de lusófono, encontrava-se estendido em um extenso manto territorial com uma grande faixa litorânea. Vale mencionar que os convites feitos ao Brasil para participar dessas conferências eram sempre informais e quase nunca foram aceitos.

De acordo com relatos históricos, durante o período do Segundo Reinado (1840-89), o Brasil não se identificava como América Hispânica, visto que não fazia parte da América herdada via Coroa Espanhola, e tampouco exercia agendas similares aos países da então

América Latina. Portanto, não se identificava também como latino. Nessa época, o Brasil, com seu imenso potencial, e extensão na costa atlântica, exercia suas relações internacionais, tanto políticas quanto econômicas, principalmente com a Grã-Bretanha; e suas relações internacionais de cunho cultural com a França e Portugal, e ao contrário dos vizinhos da América Espanhola, o Brasil tinha uma boa relação com os Estados Unidos.

Além disso, os relatos históricos do Brasil em relação aos vizinhos hispânicos nesse período não era de grandes entrosamentos. Com exceção da região do Rio da Prata,¹² onde o Brasil possuía interesses estratégicos, essa interação resultou nos seguintes conflitos: primeiramente, contra as Províncias Unidas do Rio da Prata de 1825 a 1828; o segundo conflito contra Rosas, o ditador argentino de 1851 a 1852; e, o terceiro, contra o ditador paraguaio Solano López, na Guerra do Paraguai de 1864 a 1870.

No dia 3 de dezembro de 1870 o periódico *A República* lançou sua primeira edição com o Manifesto Republicano que dizia: “Somos da América e queremos ser americanos”.^f Para os republicanos, o Brasil era claramente um país isolado: “pode o Brasil considerar-se um país isolado, não só no seio da América, mas no seio do mundo”. As menções do manifesto são referentes ao continente americano, e em momento algum se tratava de América Latina.

Com a Primeira República brasileira (1889-1930) manteve-se um certo descaso em relação aos latino-americanos por parte do Brasil.

^f Para elaboração do presente artigo, foi realizado contato com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro com o intuito de ampliar as fontes apresentadas. As duas citações desse parágrafo foram feitas com base na consulta realizado nos arquivos da Biblioteca Nacional.

Com a Primeira República brasileira (1889-1930) manteve-se um certo descaso em relação aos latino-americanos por parte do Brasil. Observava-se o crescimento dos Estados Unidos como potência hegemônica. Durante o período entre 1902 e 1912, a política externa brasileira sofreu um período de americanização devido a um ministro de Relações Exteriores conhecido no meio internacionalista, que atendeu pelo nome de Barão do Rio Branco. Com esse processo era evidente que os laços entre Brasil e Estados Unidos tendiam a estreitar-se.¹⁷

O Brasil não criticou o posicionamento norte-americano na guerra contra a Espanha (1898). Apenas o Brasil seguiu o posicionamento dos Estados Unidos e, em 1917, declarou guerra contra a Alemanha. E foi com o apoio dos Estados Unidos que o Brasil se tornou membro não-permanente do Conselho da Liga das Nações. Além disso, nos anos de 1930, o Brasil mantinha os Estados Unidos como principal parceiro nas questões de política externa, e na Segunda Guerra Mundial o país foi claramente o maior aliado estratégico para os Estados Unidos. Não apenas forneceu bases em Belém, Natal e Recife como também forneceu borracha e minérios para produção de munição, enviando ainda a Força Expedicionária Brasileira.⁴

Esses fatos revelam que o Brasil estava cada vez mais distante, no plano da política externa, dos princípios que unificavam os países latinos. Sem herança hispânica, sem falar espanhol, sem compartilhamento cultural – a nível macro – e sem similaridade de agendas, o Brasil se tornava um estranho à ideia de América Latina.

Tanto dos autores hispânicos, quanto dos

brasileiros, não emanava desejo de fazer com que o Brasil tivesse características de pertencimento à latinidade. O Brasil, na metade sul do continente americano, era facilmente associável aos princípios norte-americanos, ainda mais vinculável depois dos acontecimentos supracitados.

O autor brasileiro Euclides da Cunha, conhecido pela obra *Os Sertões* (1902), publicou um ensaio chamado “Solidariedade Sul-americana” em seu livro *Contrastes e Confrontos* (1907). O texto inicia-se com uma impressão bastante pessimista em relação à possível aproximação do Brasil com os vizinhos: “A República tirou-nos do remanso isolador do império para a perigosa solidariedade sul-americana”.¹⁰

Um dos esporádicos casos de intelectuais brasileiros que se colocava contra os Estados Unidos era o de José Veríssimo, que repudiava os ideais imperialistas nas questões econômicas e políticas, tanto quanto as influências culturais na América Latina, incluindo o Brasil.³

Com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) ocorreu interesse mais intenso por parte dos brasileiros a respeito da literatura e fatores culturais hispano-americanos (latino-americanos). Foi promovido então o intercâmbio entre os intelectuais das duas regiões, como por exemplo nas trocas de cartas entre Mário de Andrade e o escritor Jorge Luis Borges, residente em Buenos Aires. Outro exemplo foi Ronald de Carvalho, que devido ao contato com José Vasconcelos, acabou por lecionar literatura brasileira no México. Todavia, no poema “Toda a América” (1924), Ronald de Carvalho se posiciona muito mais como um americano do que como um latino-americano, e diz que a América

é do “barão e dos escravos”, batendo de frente com uma das principais reflexões da descolonização – o debate colonizador versus colonizado, metrópole versus colônia.⁴

No período entre-guerras, o Brasil e os países da América Latina estavam intensamente voltados para a formação da própria identidade nacional, e no princípio da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ainda se aferia grande americanização nos aspectos identitários brasileiros.

É importante frisar – para fins de compreensão da ideia geral do artigo – que o constructo de América Latina se dá primeiro na América Hispânica, em termos geográficos. Como mencionado nos trechos anteriores, mesmo com os intercâmbios culturais entre intelectuais de herança hispânica e intelectuais brasileiros, ainda que tímidos nessa época entre segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, inicia-se uma real interação latino-americana na qual o Brasil se encaixava. A percepção de um Brasil que dialogasse com a ideia de América Latina, tanto no âmbito cultural quanto no âmbito diplomático, ainda demoraria mais alguns anos na história para acontecer.

Brasil Latino:

Os Estados Unidos da América possuem um documento oficial constitutivo que os unifica como uma confederação de Estados. Todos os Estados que fazem parte desse documento, são, portanto, Estados Norte Americanos: ou seja, o documento é uma forma de pertencimento oficial. Diferentemente da confederação de Estados que se localiza ao norte do continente americano, a América Latina não possui um documento de fundação, assim, não

constituindo uma instituição oficializada, mas sim uma região que se define não só pelos idiomas, aspectos culturais ou políticos, mas por uma mistura deles. O pertencimento à América Latina não se dá da mesma forma que o pertencimento a um Estado ou bloco econômico, é um formato diferente de identidade regional.

Por esses motivos, torna-se complexo delimitar uma data ou marco histórico que fez com que o Brasil se tornasse parte integrante da América Latina. Todavia, já existe certo consenso entre os autores que trabalham a temática que, desde o final da Segunda Guerra e período da Guerra Fria, o Brasil já possuía sua parcela de latinidade.⁶ Antes disso, relações internacionais políticas-diplomáticas com os vizinhos de herança hispânica resultaram em mais conflitos que cooperações, e no âmbito intelectual-cultural tão pouco logrou-se êxito.

Optou-se por analisar o processo de pertencimento no caso da latinidade brasileira através de três principais eixos: 1) o reconhecimento do Brasil como tal por parte dos Estados Unidos da América; 2) a acolhida do Brasil pelos intelectuais de herança hispânica em suas obras artísticas, literárias, e acadêmicas, e 3) o posicionamento do próprio Brasil como parte da América Latina. Esse último eixo dá-se em mais de uma esfera, e é dividido em dois níveis: o nível intelectual-cultural (com base na produção intelectual e cultural do Brasil) e o nível político-diplomático.

O primeiro eixo trata da visibilidade que os Estados Unidos, o Norte Global da época, deu ao Brasil Latino: de acordo com a pesquisa de João Feres Júnior (2004) no texto *A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos*,

Caetano Veloso lançou, em seu álbum homônimo, a canção *Soy loco por ti América*:

Soy loco por ti de amores
Tenga como colores
La espuma blanca
De Latinoamérica...

Como se chama amante
Desse país sem nome
Esse tango, esse rancho
Esse povo, disse-me, arde
O fogo de conhecê-la
O fogo de conhecê-la

Soy loco por ti, América
Soy loco por ti de amores

A canção foi a primeira música brasileira de estúdio que utilizava o “portunhol”, uma mistura de português com espanhol. Composta por Gilberto Gil, Torquato Neto e José Carlos Capinan, a canção ainda foi regravada por Gilberto Gil em 1987 e por Ivete Sangalo em 2005. Outro músico brasileiro que trabalhou a temática do Brasil Latino foi o imagético Ney Matogrosso, que no primeiro álbum do grupo Secos & Molhados (1973) interpretou a canção “Sangue Latino”, escrita por João Ricardo e Paulinho Mendonça:

Rompi tratados
Traí os ritos
Quebrei a lança
Lancei no espaço
Um grito, um desabafo
E o que me importa

É não estar vencido
Minha vida, meus mortos Meus caminhos tortos
Meu Sangue Latino

Além disso, em 1975, Ney Matogrosso, então ex-integrante do grupo Secos & Molhados, lançou o álbum *Água do Céu - Pássaro* com o sucesso “América do Sul”:

Desperta América do Sul
Deus salve essa América Central
Deixa viver esses campos molhados de suor
Esse orgulho latino em cada olhar
Esse canto e essa aurora tropical

A latinidade brasileira nesse período se manifestava também nos monumentos arquitetônicos. Em 1989 foi inaugurado na cidade de São Paulo, no bairro da Barra Funda, o Memorial da América Latina. Projetado pelo arquiteto e urbanista brasileiro Oscar Niemeyer (1907-2012), o Memorial da América Latina é um projeto arquitetônico com cerca de 25.210 m² de área e é mais uma evidência de que o Brasil agora era parte integrante da América Latina. Inclusive, o Memorial da América Latina serviu de sede para o Parlamento Latino Americano até 2007. Tornava-se cada vez mais corriqueiro o uso da expressão “América Latina” que incluía o Brasil.

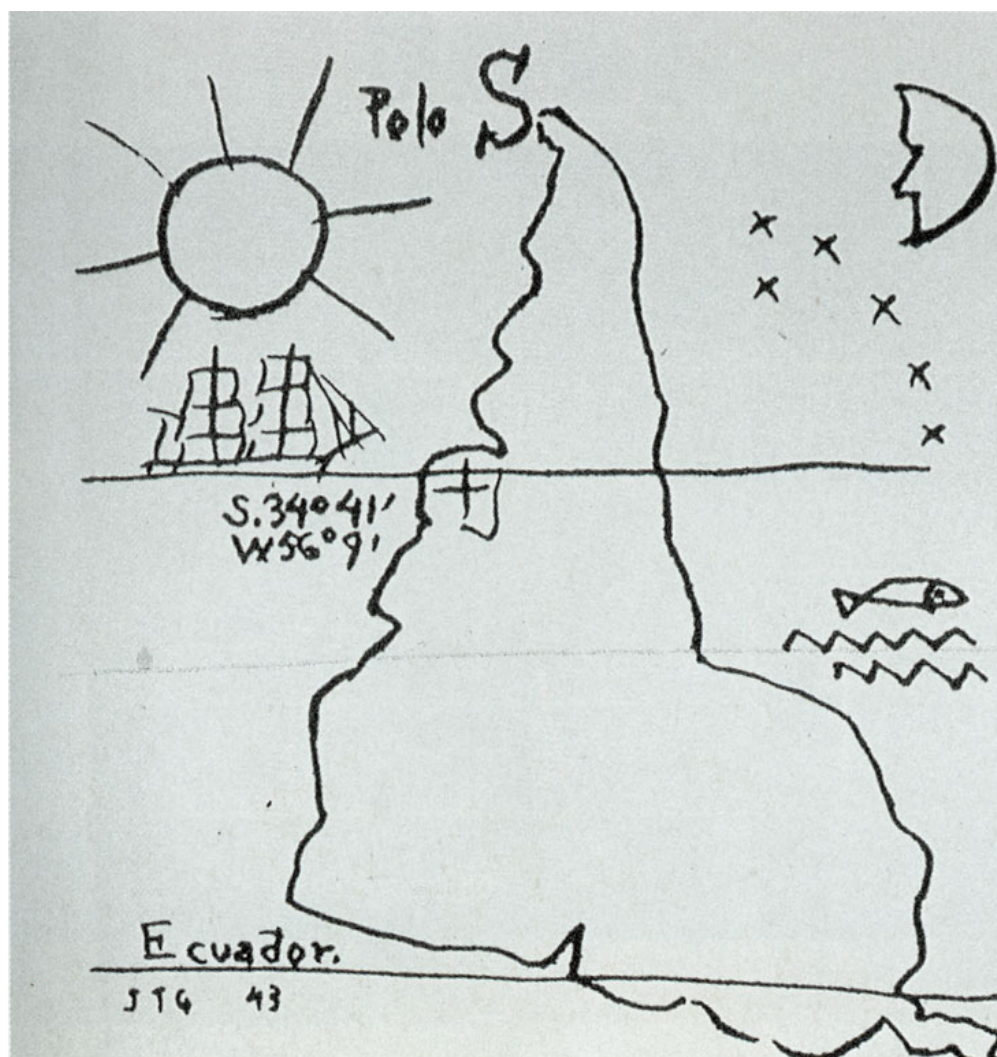
De acordo com os dados disponíveis na hemeroteca da Biblioteca Nacional do Brasil,ⁱ o Diário de Pernambuco é o jornal mais antigo do país, datando sua primeira

ⁱ. Verificou-se que na linha histórico-estrutural apresentada na pesquisa de Bethell (2009) existe um grande trabalho de levantamento de fontes de como a América Latina começou a surgir em publicações – utilizando como referências pesquisas de João Feres Jr. e com o intuito de utilizar dados brasileiros que fossem igualmente ilustrativos, buscaram-se, com auxílio do material disponibilizado pela Biblioteca Nacional, os resultados apresentados neste artigo.

edição de sete de novembro de 1827. Com base na pesquisa feita nas edições desse jornal que estão disponíveis na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro – RJ) aferiu-se que a expressão “América Latina” apareceu pela primeira vez em um jornal brasileiro no ano de 1876 na edição número 00147 do Diário de Pernambuco. No texto, que foi publicado em um sábado, 1º de julho de 1876, a expressão aparece na coluna de variedades cuja temática do momento era um livro de Aristides Rojas intitulado *El elemento Vasco em la História de Venezuela* (1874). Nesse texto, o autor fala também da emancipação da América Latina.

Todavia foram necessários ainda três anos para que a expressão América Latina voltasse às páginas do Diário de Pernambuco, e desta vez, o uso da expressão deixava clara a existência do Brasil Latino. Foi na edição 00193, do dia 23 de agosto de 1879, na coluna de literatura, que então relatava datas célebres da gloriosa vida do Visconde do Rio Branco. Segue assim, o trecho que menciona o Brasil como parte da América Latina:

Em julho segue para a Europa o Visconde do Rio Branco. Onde quer que chegue o ilustre brasileiro, a imprensa, corporações e notabilidades políticas e científicas o acolhem e festejam como um dos mais distintos representantes da civilização na América Latina.



Já no período que compreende os anos de 1880 até 1889, o termo América Latina aparece 25 vezes e em 23 edições do jornal. Nessas 25 ocorrências, que tratam dos mais diversos temas, de literatura à economia, embora em alguns momentos a utilização da terminologia América Latina faça referência apenas à herança hispânica, o Brasil Latino emerge em quase todos os tópicos.

Figura 1. *América Invertida* (1943) Museo Nacional de Artes Visuales, en exhibición en el Museo Municipal de Bellas Artes Juan Manuel Blanes en calidad de préstamo desde mediados de la década de los 70 en Montevideo, Uruguay.

Como por exemplo na edição de número 00219 no caderno de “Finanças e Commercio” em uma reportagem que trata de um jornal – já mencionado na edição 00203 de 7 de setembro de 1881 - que trataria de expor, na França, a real situação econômica da América Latina: No dia 7 de setembro corrente publicou-se em Paris o 1º número do periódico que, vai para tempos, estava anunciado e que se destina a tornar conhecida na Europa a verdadeira situação econômica da América Latina em geral e do Brasil em particular.

Como percebe-se no trecho acima, o jornal já expunha uma clara ideia de Brasil Latino e que fortificou-se ao longo dos anos. Na década que compreende os anos entre 1890 e 1899 foram encontradas 27 ocorrências do termo América Latina, e nessas ocorrências é visível o quão corriqueiro se tornava o uso da ideia de América Latina referente ao Brasil Latino. Como exemplo, segue um excerto da edição do domingo de 26 de janeiro de 1890 do Diário de Pernambuco (edição 00021 do período 1890-1899):

Na America Saxonica foi fácil fundar a república; porque os habitantes, nascidos dos antigos emigrantes das luctas do protestantismo conservavam a tradição dos seus sacrifícios pela liberdade da consciência, da qual era uma consequência a liberdade política. Na América Latina a povoação constituiu-se sob os dous elementos decadentes da civilização da Europa: o catholicismo e a monarchia; e o trabalho que cria a riqueza e dignidade foi desde o principio degradado pela implantação da escravatura africana. Com taes factores, o Brazil nunca passaria de uma vasta feitoria de exploração das riquezas naturales.

A passagem citada acima é uma transcrição da Folha do Povo de Lisboa no Diário de Pernambuco relatando os acontecimentos no Brasil pós 1889 (República). O fato do jornal lusitano referenciar os problemas comuns a toda a América Latina como os problemas que afetavam o desenvolver do Brasil demonstra como a ideia de Brasil Latino já era vista na Europa, e o fato do Diário de Pernambuco transcrever esse posicionamento legitima o posicionamento brasileiro frente à ideia de América Latina.

O termo América Latina se tornava cada vez mais corriqueiro no Diário de Pernambuco. A incidência da terminologia foi aumentando gradativamente (de 1890 até 1939 o número de incidência do termo América Latina é de 2.533 vezes, já de 1940 até 1989 o número aumenta para 24.463), tanto que o slogan do Diário de Pernambuco passou a ser “O jornal mais antigo em circulação na América Latina” - na edição do dia 1º de janeiro de 1908.

O segundo nível traz o pertencimento político-diplomático do Brasil Latino: embora no âmbito cultural o processo viesse de longa data e fosse cada vez mais abraçado, na esfera diplomática-política, o processo de pertencimento deu-se no período que compreende a Guerra Fria - quando o Brasil aproximou-se da Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC) e mais tarde com a Associação Latino-Americana de Integração (ALADI) - e ainda mais recentemente, no período pós Guerra Fria.

O Brasil enfrentava mudanças políticas e econômicas devido aos turbulentos acontecimentos do período, como as novidades da ordem e do cenário político juntamente com a globalização,

que tomava proporções hiperbólicas e fazia com que a constante mutação do globo fosse sentida em suas diferentes regiões, devido à maior proximidade que esse processo desenvolveu.

O Brasil, junto à China e à Índia, era considerado uma das “potências emergentes”, e desempenhava um papel de liderança em questões de importância global como a reforma da ONU, a questão do papel da OMC, e também no controle de pobreza e do vírus HIV, por exemplo.

Com papel de maior importância no mundo político-diplomático, o Brasil encontrava-se de portas abertas para o mundo. No governo Collor (1990-1992), por exemplo, o Brasil se tornou parte integrante do Mercosul. Embora alguns autores como Mignolo apontem essa interação, e a UNASUL (União de Nações Sul-Americanas) por exemplo, como formas de fortificar uma América do Sul e não uma América Latina, é inevitável associar que o Brasil passava agora a fazer parte – diplomaticamente – da ideia de América Latina, inclusive assinando acordos de cunho político, social e econômico com os vizinhos latino-americanos.

Os governos que seguem o governo Collor, Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), e Lula (2003-2010), foram governos bastante abrangentes e que colocaram o Brasil como um relevante ator no âmbito internacional – é necessário ressaltar que o governo Lula tem uma abrangência maior em questões de Sul Global. A abertura para as questões de latinidade nesses governos foi larga. Entretanto, afere-se uma adaptação bem maior no nível cultural do que no nível diplomático.

Ademais, em 1980, o Brasil se tornou parte da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), fato esse que veio a desenvolver melhores relações entre Brasil e Argentina. Todavia, não existia ainda um compromisso com a América Latina. Mesmo depois de quase 40 anos de identificação exógena do Brasil como América Latina, e de quase 20 anos de identificação endógena, só com o Tratado de Assunção em 1991 e com a criação do MERCOSUL foi possível ver um real engajamento político/diplomático do Brasil na América Latina. No texto *Uma perspectiva de Longo Período sobre a Integração Latino-americana Vista pelo Brasil* (2014), a tríade de autores Bueno, Ramanzini e Vigevani, salienta que, perante à política externa brasileira, as aproximações feitas na América Latina que precedem o MERCOSUL eram de caráter romântico ou apenas comercial.

Com o final da Guerra Fria e a entrada no MERCOSUL, o Brasil passa a demonstrar mais sua latinidade. É importante ressaltar que embora existam dúvidas entre pesquisadores a respeito da latinidade do Brasil no nível diplomático-político, como aponta, por exemplo, Bethell no desfecho do texto *O Brasil e a ideia de América Latina em perspectiva histórica*, ou até mesmo nos estudos de Mignolo, no trecho em que o autor aponta o foco na América do “Sul” e não na América “Latina” - existe também latinidade no âmbito cultural brasileiro, através da promoção de intercâmbio de intelectuais e artistas.

Embora delimitar o percurso da latinidade brasileira afirmando um fato histórico seja uma tarefa complexa, e que envolve mais de uma esfera de pesquisa, é notório que existe uma aproximação maior do Brasil com a sua faceta

Conclusão:

A trajetória do mundo colonial está escrita, em sua maioria, nos quatro principais idiomas imperiais: espanhol, francês, inglês, e português. A ideia de Novo Mundo é uma fábula do pensamento cristão e europeu e tanto a ideia de América, quanto a ideia de América Latina é reflexo do pensamento eurocêntrico e cristão, produzido de forma exógena e introduzido no continente até que o processo se tornasse endógeno.²²

Torna-se evidente, independente da causa, que a América Latina viveu por muito tempo em um bovarismo identitário e ainda não saiu do processo de resignificação da terminologia. Vale ressaltar que o termo América Latina por si só não enquadra nem os habitantes originários das terras do novo mundo, de diversas etnias e identidades, e nem os africanos trazidos à força e implantados nesse solo. Portanto, se faz necessário um lugar para essas vozes na narrativa de América Latina, uma outra resignificação.

O objetivo mais específico desse trabalho envolve entender e delimitar o momento da transição do Brasil como parte da América Latina. Ou seja, entender a fundação do Brasil Latino, fazendo assim pensar a latinidade brasileira. Embora seja tarefa difícil, é visível que durante a trajetória temporal que compreende o final da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria existiu uma aproximação forte das terras tupiniquins com a ideia de Brasil Latino. Na década de 1940, o mundo já enxergava o Brasil Latino.

A América Latina surgiu como invenção imperial, tornou-se identidade das ex-colônias hispânicas, abraçou o vizinho lusófono e ainda vive em processo de resignificação. O Brasil não fazia

parte da ideia de América Latina no século XIX, e hoje é protagonista da questão de integração no sul da América do Sul através de contextos como o do MERCOSUL. Existe também um debate que coloca o Brasil como parte integral da América do Sul, mas não visualiza o Brasil como parte da América Latina. A priori, a divisão é evidente: América Latina é uma divisão política, e América do Sul uma divisão geográfica. Já a ideia de América Latina é estritamente político-cultural-social de cunho identitário, afinal, não é viável ver a América Latina por um viés geográfico. Vale frisar, ainda, que América do Sul não é tão excludente quanto América Latina na questão indígena e africanista, pois nessa narrativa não são apenas as *Elites Criollas* que estão representadas.

Contudo, veja-se a afirmação feita por Bethell (2009):

É chegada a hora de o mundo parar de considerar o Brasil como parte daquilo que, na segunda metade do século XX, foi chamado de América Latina, um conceito que seguramente perdeu a utilidade que talvez tenha tido alguma vez.

Considerando a autoridade de Bethell no assunto em função de suas publicações em torno da história da América Latina, é importante considerar o ponto de vista do autor, ainda que se possa questionar sua formação (feita em grande parte no norte global). Torna-se complicado legitimar tal perspectiva referente à latinidade do Brasil.

É possível inferir que desde 1940 vigora, no âmbito internacional, a ideia do Brasil Latino, mesmo que exista a ocorrência de latinidade no Brasil antes dessa data.

Viola Caipira e a Identidade Sertaneja

by T. de Oliveira

A viola caipira é um instrumento musical brasileiro descendente da viola portuguesa – o resultado de uma adaptação nacional do instrumento europeu. A viola significa para o sertanejo mais que um meio de fazer música, ela é o instrumento da tradição oral e da sua identidade.

O sertanejo brasileiro é o homem que vive no interior do país e em áreas rurais. A vihuela e a viola portuguesa, instrumentos predominantes nessas regiões, chegaram no Brasil com os jesuítas para ajudar na catequização dos indígenas,³ e com o tempo transformaram-se nos instrumentos amplamente utilizados pelo sertanejo. Considerando a extensão territorial do país, a viola é tocada de formas diferentes em diferentes regiões sertanejas. As diferenças nas técnicas regionais de tocar viola vão desde a afinação até a forma de tocar as cordas, mas todas mantêm o cunho viola. A afinação mais comum chama-se Cebolão, mas as afinações Rio Abaixo (norte de Minas Gerais) e Canotio Solto (Mato Grosso) são mais regionais. Cada tipo de afinação acabou resultando em uma micro-identidade local, como a pantaneira e a mineira.

Considerando a influência dos jesuítas, as festas cristãs e religiosas eram algo comum durante o final do século XVIII tanto no campo quanto nas cidades, mas a partir do século XIX, ocorreu no Brasil um projeto de romanização do catolicismo, que procurou fortalecer o clero tradicional em detrimento dos agentes do catolicismo popular. As festas foram aos poucos diminuindo nos centros urbanos, ao passo que celebrações e rituais clássicos foram sendo cada vez mais estimulados. Com isto, as festas religiosas mantiveram-se nas zonas em que a influência e o poder do clero eram mais fracos, no caso, as zonas rurais. Logo, as festas como a Folia de Reis continuaram a acontecer no meio rural, e o tocador de viola era parte central dessas festas. O uso da viola em festas religiosas é uma consequência direta do uso da música pelos jesuítas na catequização.

Visto que o Brasil é um país predominantemente cristão, as festas religiosas tinham um significado muito grande (e em alguns lugares ainda têm), e os músicos tornavam-se essenciais na condução das festas. Ser parte tão importante de festas religiosas elevou o conceito do violeiro de músico para alguém em harmonia com o sagrado. Entendia-se que “o violeiro passa a ser a pessoa que faz o trânsito do sagrado para o profano, e vice-versa”.³

Entretanto, o violeiro não tocava apenas músicas religiosas, ele também explorava composições que não necessariamente envolviam a temática cristã. Com a diferença entre os estilos de vida de locais urbanos e rurais, é possível inferir que as temáticas, apesar de similares, seriam diferentes nos dois âmbitos, insinuando assim uma diferenciação entre música sertaneja e música urbana. Em um contexto

urbano, como o Rio de Janeiro, o instrumento mais relevante era o violão, que era tocado tanto no samba quanto no choro, enquanto no campo o papel de maior expressão era da viola, e apesar de ser difícil exemplificar uma música ou artista sertanejo do século XX, temos Calix Bento, música popular e religiosa que foi interpretada pelo cantor Milton Nascimento. A viola então tornou-se um instrumento marginalizado, delegado para as áreas rurais, especialmente durante a primeira metade do século XX.

O conceito de diversidade de diferença cultural, que diz que a diferença cultural é um objeto de conhecimento empírico,¹ pode ser adotado aqui para entender melhor como a viola e a identidade sertaneja se interligam. A intensa diferenciação entre campo e cidade produto do processo de urbanização do país criou uma diferença cultural – uma das chaves da criação da identidade de grupo, segundo o conceito. Logo, a disparidade entre as duas categorias, urbana e rural, criou entre seus habitantes a identidade referente à sua localidade.

A viola então torna-se um símbolo do sertanejo, até hoje exercendo papel fundamental em festas religiosas. Ela se tornou-se um ícone da roça e do interior do Brasil. Consequentemente, o mestre violeiro e a viola veio a ser o modelo usado na identificação de um sertanejo, na representação máxima do interior e sua população. Apesar de ser um país grande, a viola consegue ser um ponto comum entre todas as culturas interioranas, ser o objeto que as une sob a música sertaneja.

Tiago de Oliveira é graduando da Universidade de Brasília em História. Entre em contato em tiagovs.his@gmail.com

Entre Livros e Filmes: A força simbólica da África no imaginário nacional português

by G. M. Jones

Apesar do enfoque estrangeiro no sofrimento, na pobreza e no atraso, a África, com seus povos e práticas culturais diversos, sempre exerceu um certo poder intelectual sobre aqueles que entraram em contato com ela, diretamente ou indiretamente.



Figura 1. "Submerso em turvas águas, um crocodilo aguarda o seu momento. O intrépido explorador bem o sabe Neste rio, encontrará o seu destino. Os seus homens testemunham o horror. O explorador despede-se da vida." (Tabu, 2012)

Como continente, a África foi primeiramente violada por europeus, árabes, e norte-americanos e por isso muitas culturas estrangeiras manifestam traços de elementos africanos nas comidas, na música e na demografia. Dada a importância das viagens marítimas e do seu envolvimento com o tráfico negreiro, a história de Portugal, especialmente, continua inseparável da história da África. Por muito tempo, Portugal se definiu em relação às suas colônias africanas, e o continente africano influenciou a maneira como a identidade nacional portuguesa foi imaginada. Era impossível erradicar “a tendência de conectar a ‘imagem da república com a imagem da pátria,’ bem como a conexão entre a nação e suas colônias ‘sagradas.’ Para os republicanos as questões ‘nacionais’ e ‘coloniais’ ficavam interlaçadas.”⁷

Pode-se começar uma discussão sobre a presença africana na construção da identidade portuguesa com essa frase da protagonista moçambicana do romance *A árvore das palavras*: “de Portugal não tenho imagens nem nenhuma certeza, a não ser que é um retângulo muito pequeno no mapa, do outro lado do mundo”.² Se todas as imagens de Portugal fossem incertas, fora a sua forma e localização geográfica, o que contribuiria para criar um imaginário nacional português coeso? O objetivo deste ensaio é discutir a força simbólica da África no imaginário português através da análise do filme *Tabu* (2012), dirigido por Miguel Gomes, e do romance *A árvore das palavras* (1997), escrito por Teolinda Gersão. Uma leitura destes textos mostrará que, se fosse subtraída a presença da África do projeto colonial, a identidade nacional portuguesa não existiria na forma na qual se encontra atualmente—um fato que se revela claramente nos produtos culturais portugueses, como literatura e cinema contemporâneos.

Apesar do domínio colonial, o intercâmbio cultural entre o metrôpole e a periferia nunca teria sido unidirecional. Por isso Portugal é uma “obra de estrangeirismo”.⁴ Ao longo do tempo e através de um processo que passou por diversas fases, a identidade nacional portuguesa foi revestindo formas diferentes para atingir a expressão atual. Grande parte desse processo foi a expansão portuguesa, que

“pôs milhares de portugueses em contato direto com outros povos e outras civilizações, veio evidentemente reforçar o sentimento nacional, a partir de uma outra experiência vivida. Os outros, com os seus caracteres físicos e os seus costumes, religiões e línguas tão diferentes, opunham-se, na sua imensa diversidade, aos que partilhavam a condição comum de oriundos do território nacional”.⁵

Da arquitetura moura até o prato típico do frango no churrasco com molho piri-piri de Moçambique, Portugal se constituiu, como um império, multicultural, multicolorido e multicontinental. Entre 1933 e 1974, o Estado Novo dirigido pelo ditador português António de Oliveira Salazar “tenazmente consolidou e popularizou a ideia de ‘regeneração nacional.’ Era baseada no projeto colonial, no império e na independência nacional, além das descobertas que faziam de Portugal um pequeno país na Europa, mas uma potência em termos globais”.⁷ Portanto, a identidade nacional portuguesa está extremamente ligada a exploração marítima e ao colonialismo.

O que seria Portugal sem o império? A Guerra Colonial Portuguesa, a Revolução dos Cravos no 25 de abril de 1974 e as revoluções da libertação nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), manifestaram violentamente o resultado do desejo de Portugal de manter posseção das suas colônias. O motivo: no imaginário português esses territórios ultramarinos eram considerados uma parte integral de Portugal e as populações deles eram consideradas portuguesas. No Festival Eurovisão da Canção em 1967, por exemplo, um negro português de Luanda, capital de Angola, Eduardo Nascimento, representou Portugal.¹ No imaginário nacional português, o legado do ultramar continua tão forte que numa edição especial da revista *Visão* em 2004 Mário Soares, ex-presidente de Portugal, disse, “Festejemos agora o 25 de Abril—e a descolonização que se lhe seguiu—com os países africanos independentes de língua portuguesa: um capital precioso para o futuro e que nos é comum”.⁸

Ao mesmo tempo, a África existia e existe como um continente que os portugueses subjugaram e exploraram, tanto nas dimensões materiais quanto simbólicas. Na literatura luso-africana, essa ideia aparece no conto “O Baile de Celina,” escrito pela autora moçambicana Lília Momplé. A personagem Catarino da Silva tem “a firme convicção de que África existe para enriquecer os brancos”.⁶ Vê-se esse fato exemplificado claramente no tráfico negreiro e na exploração das terras africanas para bens de comércio. Os portugueses foram à África para se apropriar de sua riqueza e impor o seu domínio. Após anos de terem seu intento realizado, a perda das colônias africanas depois de 1974 prejudicou o imaginário nacional português, e resultou

em prejuízos ao desenvolvimento econômico.

A cultura e a história compartilhadas entre Portugal e os PALOP não nega a realidade de exploração, a enfatizam. Em uma entrevista com a revista *Anticolonialismo* em 27 de Outubro de 1971, o político e revolucionário guineense e cabo-verdiano Amílcar Cabral afirma: “[n]ós marchamos juntos e, além disso, no nosso povo, seja em Cabo Verde, seja na Guiné, existe toda uma ligação de sangue, não só de história mas também de sangue, e fundamentalmente de cultura, com o povo de Portugal. Quando falei há bocado sobre a nossa cultura não tive necessidade de lembrar que essa nossa cultura também está influenciada pela cultura portuguesa e nós estamos prontos a aceitar todo o aspecto positivo da cultura dos outros”.³

Reconhecendo a potência da troca entre os povos luso-africanos e portugueses, e a diferença entre povos e poderes coloniais, Cabral continua:

“em princípio, o nosso problema não é de nos desligarmos do povo português. O colonialismo português explorou o nosso povo da maneira mais bárbara e criminosa e quando reclamamos o direito de ser gente, nós mesmos, de sermos homens, parte da humanidade, e de termos a nossa própria personalidade, a resposta é a repressão com a guerra colonial. Mas nós nunca confundimos colonialismo português com povo de Portugal e temos feito tudo, na medida das nossas possibilidades, para preservar, apesar dos crimes cometidos pelos colonialistas portugueses, as possibilidades duma cooperação, de amizade, de solidariedade e de colaboração eficaz com o povo de Portugal,

numa base de independência, de igualdade de direitos e de reciprocidade de vantagens, seja para o progresso da nossa terra, seja para o progresso do povo português”.³

Os temas que Cabral levanta encontram-se representados, também, no cinema português. Embora este filme em branco e preto tenha sido produzido no século XXI, a trama de *Tabu* (2012) acontece pouco antes do início da Guerra Colonial Portuguesa, em 1961, e retrata várias realidades portuguesas em relação ao colonialismo. Dividido em três partes, a cena inicial de *Tabu* é imagem de um explorador parado no meio da selva, no coração do continente negro; ocasionalmente, pares de africanos seminus passam carregando baús pela savana (Figura 1). Daí, começa um prólogo filosófico narrado pelo diretor do filme, Miguel Gomes. Essa narração poética conta uma lenda que se passa em algum lugar não especificado na África, num tempo também remoto: um explorador intrépido, desolado depois da morte do seu grande amor, se suicida

num rio turbido, devorado por um crocodilo nas águas turvas na frente dos seus empregados negros. Cantando, batucando e dançando, os africanos comemoram a morte do explorador (Figure 2). Para dar veracidade a essa lenda, há pessoas que juram ter observado uma dama de outros tempos e um crocodilo melancólico na beira do rio; um par inseparável, unido por um pacto misterioso. Entre os dois existe uma empatia enigmática que nem a morte pode quebrar—uma empatia que pode servir como um paralelo à relação entre Portugal e suas colônias africanas.

A seguir, a primeira parte do filme, “Paraíso Perdido,” apresenta as vidas entrelaçadas de três mulheres que moram no mesmo prédio velho na Lisboa de hoje. Sobrevivendo com a sua pensão, Aurora, uma octogenária excêntrica e supersticiosa, parece mais morta do que viva. Ela é acompanhada por sua empregada taciturna, uma cabo-verdiana de nome Santa, pouco escolarizada, mas que tem uma certa



Figura 2. Os trabalhadores negros celebram a morte do intrépido explorador. (*Tabu*, 2012)

capacidade com as artes divinatórias; e também por sua amiga, vizinha e filha substituta, Pilar, uma mulher católica dedicada aos grupos de solidariedade social, e que se envolve muito no psicodrama das outras mulheres. Pilar também tem um pintor romântico apaixonado por ela que insiste em lhe oferecer quadros cafonas. Apesar disso, ela continua mais comprometida com a dinâmica no domicílio de Aurora e Santa, desconfiada das intenções da criada e a sua magia. A solidão confrangida de Aurora a impele a escapar frequentemente ao cassino. Sonhando com macacos e crocodilos, e sentindo-se à beira da morte, a idosa pede que Pilar procure um homem chamado Gian-Luca Ventura. Logo depois da morte de Aurora, aparece um velho colono moçambicano perturbado que começa a narrar uma outra história com as palavras: “Aurora tinha uma fazenda em África no sopé do monte Tabu...”

A segunda parte do filme é um flashback que reconta a vida da Aurora na África, narrado pela voz de Gian-Luca Ventura, um aventureiro global. Com sua mãe morta depois do parto e seu pai mal-humorado, Aurora passa uma infância mimada, cercada de professores particulares e criados negros. Por causa da influência paterna, ela se torna hábil na prática da caça—nunca erra um tiro e até serve como consultora da caça num filme chamado *It Will Never Snow Again Over Kilimanjaro*. Na década de 60, Aurora mora perto do Monte Tabu com seu marido, e mantém um crocodilo como animal de estimação. O bicho foge e reaparece no jardim de Gian-Luca Ventura. Assim eles se conhecem. Com a fuga desse crocodilo, vê-se o surgimento do motivo introduzido no começo do filme, e o réptil desenha um paralelo entre os dois pares de amantes fadados. O velho cozinheiro e feiticeiro da fazenda da Aurora

lê o futuro nas vísceras dos animais que preparava, e adivinha que ela se encontrará grávida e morrerá amarga e solitária; furiosa, ela o demite e assim desenvolve seu desprezo aos ritos africanos.

Quando o crocodilo escapa de novo, Aurora então sabia onde encontrá-lo; e assim começa o intenso caso apaixonado entre a personagem e Gian-Luca. Logo depois, rumores de revoltas africanas surgem, indicando o final da trama. O império estava caindo aos pedaços e a comunidade branca não acreditava na chegada da mudança. Os amantes passavam mais tempo juntos, até mesmo na presença do marido de Aurora, durante as festas do treinamento militar dos fazendeiros. Gian-Luca confia seu segredo ao seu melhor amigo, Mário; e quando os amantes ignoram o pedido do amigo que terminem seu caso, os homens brigam e Aurora acaba matando Mário, o que implica Gian-Luca. Aurora dá luz a uma filha enquanto os revolucionários africanos reivindicam responsabilidade pela morte do ocupador branco, alimentando ainda mais as revoltas coloniais; e dois dias depois Gian-Luca parte definitivamente da África e da vida da Aurora.

Os quarenta anos da ditadura Estado Novo de António de Oliveira Salazar em Portugal e as guerras coloniais na África lançam uma longa sombra no livro *A árvore das palavras* (1997) de Teolinda Gersão de um jeito similar à parte final do filme *Tabu*. Tal como em *Tabu*, o romance *A árvore das palavras* retrata a vida de Gita, uma menina de ascendência portuguesa na colônia africana de Lourenço Marques (contemporâneo Maputo, Moçambique), antes da guerra colonial e durante seu início. Constituída de três capítulos de linguagem poética e uma narrativa introspectiva, dois dos tam a protagonista Gita em diferentes

fases da sua vida, o romance evoca, em cada parte, uma experiência e um pensamento diferente. Nas páginas de *A árvore das palavras* percebe-se o fascínio branco português pela África e pela cultura africana. O livro apresenta a realidade concorrente da mistura cultural e o choque de culturas como um par inseparável, enquanto se narra uma história inquietante sobre um paraíso infantil—idílico e cheio de magia—que encerra o pesadelo de um colonialismo desesperado.

Ao começo do livro, a criança Gita sente-se “debaixo da árvore do quintal e falava com o vento e as folhas. A árvore abanava os ramos e [ela] pensava: a árvore das palavras”.² Gita, a protagonista e narradora desta parte do romance, confia nessa árvore comunicativa, compartilhando segredos sobre sua família. O mundo dela é um mundo mágico escondido no quintal, que intercala a realidade com a fantasia para criar o reino imaginário da Casa Preta, onde a ordem natural se inverte e os sonhos se tornam vivos. Desse lugar encantado Gita afirma, “não era um jardim, era um quintal selvagem,

que assim se amava ou odiava, sem meio termo, porque não se podia competir com ele. Estava lá e cercava-nos, e ou se era parte dele, ou não era. Amélia não era. Ou não queria ser. Por isso não desistia de o domesticar”.² Com sua tendência a devanear, a percepção de Gita, caprichosa no primeiro capítulo, não combina com o jeito distante e metido da sua mãe Amélia. Todas as ocorrências fantásticas acontecem longe do olhar amargo de sua mãe, que de certa forma representa o colonialismo português.

Revela-se que, depois de responder a um anúncio de jornal, Amélia saiu de Lisboa para casar com Laureano, pai da Gita, na África. Longe da sua terra nativa e da mentalidade formadora, Amélia vive afastada de tudo, sem estabelecer raízes no seu novo local de moradia e sonhando em ter a vida de uma mulher das camadas altas da sociedade. Ao contrário, Gita sente-se mais ligada à natureza e às raízes da África, onde ela cresceu, apesar das convenções europeias, “civilizadas,” que Amélia lhe tenta incutir. A criança até rejeita a música europeia dizendo, “a

música que eu quero também não é esta, são os ritmos verdadeiros desta terra africana”.²



Figura 3. “A noite cai sobre a savana, e mil e uma noites cairão após essa primeira. Nesse tempo, e depois dele, por mais absurdo que pareça a todos os homens de razão, há quem jure, a bom jurar, ter avistado demoníaca visão. Um crocodilo triste, melancólico, acompanhado por uma dama de outros tempos, inseparável par, que um misterioso pacto uniu e que a morte não pode quebrar.” (Tabu, 2012)



Figura 4. Pilar, a vizinha da idosa Dona Aurora. (Tabu, 2012)



Figura 5. Santa, a empregada cabo-verdiana, senta com Dona Aurora. (Tabu, 2012)



Figura 6. Empregados domésticos preparam a mesa na casa da jovem Aurora na África. (Tabu, 2012)

Diferentemente da sua esposa endurecida, Laureano mima sua filha e se torna cúmplice nas aventuras etéreas dela lado a lado com a ama-de-leite negra Lóia, pela qual a menina alimenta muito afeto e busca nela o carinho materno que não recebe da Amélia. Muitas vezes a mãe lamenta, “É por culpa de Lóia que ela não gosta de mim, diz Amélia. A minha filha, a minha própria filha”.² A mágoa entre os seus pais e cuidadores é óbvia para Gita. Embora a causa dessa tensão permaneça desconhecida a ela, a criança percebe a rancor de Amélia e sente raiva pelas atitudes desagradáveis da sua mãe, uma mulher quase estrangeira na vida da sua filha.

Relatada por um narrador em terceira pessoa, a segunda seção do romance revela mais da vida de Amélia, recontando a sua chegada a Lourenço Marques. O leitor adivinha a fonte das decepções que alicerçam a vida da mulher do capítulo anterior, que não conseguiu realizar as metas tipicamente femininas daquela época, às quais ela aspirava. Descobre-se o anúncio de jor-

nal publicado por Laureano, “cavalheiro, solteiro, trabalhador e de bons sentimentos, 30 anos, residente em Moçambique, [que] procura menina honesta até 25 anos para fins matrimônias” pedindo finalmente, “se tiveres fé que hás-de encontrar o teu ideal e se desejas fundar um lar feliz, escreve-me. Espero por ti”.² Apesar de arriscar tudo com seu otimismo inicial, ao longo do livro, Amélia se encontra sem o amor romântico, a posição social, e o afeto filial que ela tinha esperado. Quase um fantasma na sua própria vida, o único refúgio da tristeza de Amélia é a sua máquina de costurar. A sua existência fica trágica como um dos seus tecidos que não consegue ganhar corpo.

Na última parte, volta-se à narração da Gita adolescente; ela deixa para trás sua infância e amadurece. Ela recolhe fotografias e recortes de jornais que Amélia deixou, em uma tentativa de recriar a imagem da sua mãe. Seu pai, Laureano, envelhece sendo cuidado por sua namorada de vinte dois anos que Gita descreve como uma “autêntica desgraça”.²

Dada a discussão do exotismo em *Tabu* e *A árvore das palavras*, é notável que no imaginário português representado nessas obras, a África existe como um lugar de abundância natural, um lugar negro e selvagem que é o justo oposto da civilização branca europeia de Portugal. Ocasionalmente, essa imagem é positiva, e às vezes é negativa. Gita fica apaixonada e encantada pela beleza natural do quintal selvagem que ela descreve como se cantasse e dançasse. Na opinião dela, esse quintal, a natureza, a aventura, e a felicidade pertencem à Casa Preta, enquanto a Casa Branca mantém a ordem e a esterilidade. Pode-se ver um outro exemplo deste contraste quando Gita diz, “a Europa tinha o mesmo coração mecânico que batia em Nova Iorque, mas Nova Iorque era mais alta e mais fria, como uma torre de ferro com pés de cimento armado. África, pelo contrário—tinha certeza—era o mais belo continente do mundo”.²

Pois, em *Tabu*, um tema recorrente é que a África dá a oportunidade de amar e se sentir

parte de uma comunidade, como vemos no caso de Aurora em “Paraíso”. África é um local para onde se pode fugir e para muitos portugueses era um lugar cheio de possibilidades. Era um lugar onde os europeus podiam reencenar seus desejos mesmo contra o pano de fundo de privilégio imperial. Quando a situação da vida em Portugal era tão ruim, pessoas como Laureano, o pai da Gita, foram à África para ter mais oportunidades, reclamando que “Portugal era um país mal governado. Mal pensado. Lisboa não dialoga com os africanos”.² Além disso, mesmo que não goste da África, Amélia também foi lá para escapar da sua vida difícil em Portugal e encontrar o amor. A mulher até “comovera-se com a sorte dela, órfã desde os seis anos, a viver em casa da madrinha, aprendendo o trabalho da casa e a costura”.² Ironicamente, enquanto a África colonizada “aceitava” os portugueses e criava espaços para eles florescerem, o “favor” não foi retornado e os imigrantes das antigas colônias, como Gita, a protagonista em *A árvore das palavras*, e Santa, a empregada em *Tabu*, que vão a

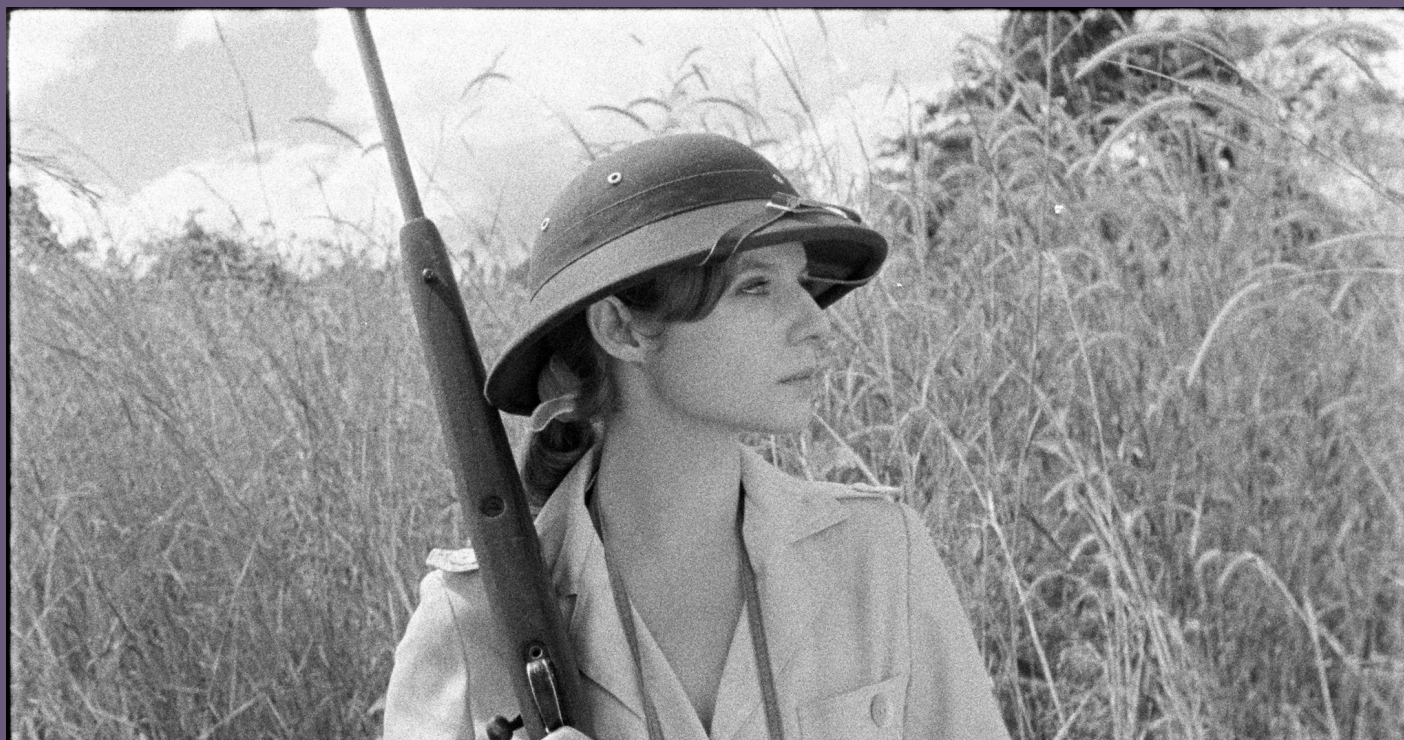


Figura 7. Aurora explora a savana para caçar animais selvagens. (*Tabu*, 2012)

Portugal para encontrar oportunidades, continuam marginalizados e estigmatizados pela xenofobia e difusão histórica de supremacia branca global.

Tanto no filme quanto no livro, aparece a ideia de que a África pode ser modificada para acomodar os gostos desses europeus: "Em casa tinham aparelhos de ar condicionado, que, como diziam, criavam em África um clima europeu. Mandavam portanto no clima podiam quase alterar a geografia. Tudo, mesmo o clima, [...] era uma questão de pagar um preço".² O nível de compromisso entre as protagonistas e o continente africano e seus povos é notável. Em *Tabu*, Aurora tem vários empregados negros que facilitam a vida dela, no lar e na caça. Embora isso fosse típico da época colonial, percebe-se a diferença entre o comportamento dela e o de Gita com seus empregados. Ao passo em que Aurora só fala com seus empregados negros, sem nomes, para repreendê-los, Gita mantém uma relação íntima com Lóia e a filha dela, Orquídea, integrando-se nas vidas das negras e não ao contrário.

Enquanto Gita ama a África, sua mãe Amélia desdenha e tem medo de vários aspectos do continente. A imagem da África é inseparável das ideias de magia e sortilégio. Amélia é especialmente temerosa de feitiçaria; "nos negros não se pode confiar, diz Amélia. Porque nos desejam o mal e nos odeiam. Armam feitiços contra nós e podem trazer-nos a doença ou a morte".² Nessa frase, podemos ver como a África influenciou as vidas dos portugueses brancos como Amélia, e o como o medo irracional cresceu neles baseado em mitos e tradições incompreendidas. Esse medo das religiões africanas tradicionais também surge no cinema. Por causa da premonição do cozinheiro africano tornar-se concreta no filme

Tabu em "Paraíso," Aurora também tinha um grande medo de feitiços na sua idade avançada. Durante "Paraíso Perdido," Aurora ainda teme os supostos feitiços maléficos de Santa, sua empregada negra, até chegando a dizer: "a Santa faz macumbas contra nós todos". (*Tabu*)

Aliás, as personagens africanas são relegadas a uma posição subordinada de modo geral. Todas as relações interpessoais no romance e no filme confirmam, e de certa forma reforçam, a hierarquia racial que é essencial ao colonialismo. A personagem Amélia em *A árvore das palavras* "persiste na convicção de que os loiros estão no ponto mais alto da hierarquia das raças e de que os escuros portugueses estão no fundo da escala, logo a seguir a indianos e negros".² A posição sócio-racial de Aurora na sua casa grande ilustra essa atitude. Embora as duas protagonistas dessas obras tivessem nascidos na África, Aurora tem muito mais em comum com Amélia do que Gita. Essas mulheres tentam controlar todos seus arredores, sobretudo a natureza selvagem, à sua vontade, de maneira similar aos colonizadores. Gita não cultiva esse modo de pensar. Mas ela observa, mesmo que os brancos mantenham "um ar patético de lagosta cozida, porque não se bronzeiam como nós, ficam encarnados e sem pele mas não desistem, untam-se a toda hora com mais cremes e continuam aplicadamente a torra ao sol" eles conseguem manter-se no topo da hierarquia.² Como Gita abaliza zombeteiramente, "não percebemos por que razão a sua pele, obviamente de tão má qualidade, haveria de suscitar admiração".² Ao final do livro, Gita é forçada a enfrentar essa hierarquia quando decide se mudar para Lisboa e morar com sua família, enquanto completa seus estudos. Com uma carta de poucas palavras, Gita é relegada

a uma posição de serviço parecida com aquela de Santa, a empregada em *Tabu*, como se sua associação vitalícia com a África e sua negritude a inferiorizassem em relação ao resto da sua família portuguesa. Frustrada, Gita declara “a prima de África terá naturalmente de ajudar no serviço da casa, e para que isso vá sendo sugerido desde já oferecemos-lhe lugar no quarto da outra, que também ajuda no serviço da casa—porque é claro que quem vem de fora e se acolhe por favor a bem dizer não possui quaisquer direitos e tem de merecer o seu pão servindo os que estão dentro”.²

Finalmente, pode até se pensar na África como uma infecção, uma força que entra na sua vida e nunca sai—que consome as pessoas e as nações. Gita reflete, “É verdade que uma certa embriaguez nos assaltava, tomava conta de nós, África entorpecia-nos, sim, entrava dentro de nós como um bruxedo”.² Enfatizando seu ponto, ela continua, como se lhes lançasse um feitiço. Podia-se cair em África como num poço. África sugava as forças, sugava a gen-

te, como areia movediça. Nunca mais se voltava, nunca mais se era igual ao que fora antes. Numa força nos levava para o fundo, como uma doença. Mortal. Se não se lutasse o suficiente.²

Se como uma energia espiritual misteriosa, uma terra de natureza selvagem e pertença comunal, ou uma fonte simultânea de prosperidade e de maldição, não tem como negar que África sempre exerceu um poder na mentalidade portuguesa.

Como mostrei nesse ensaio, a relação entre Portugal e a África é complexa. Os produtos culturais atuais de Portugal como o filme *Tabu* e o romance *A árvore das palavras* ilustram essa relação através das pequenas verdades e das percepções históricas incorporadas nas suas personagens e nos seus enredos. Como Gita diz ao final do livro, citando o provérbio do seu pai Laureano, Portugal é “um país mal governado. Mal pensado. Mas podia-se fazê-lo explodir, para o obrigar a pensar tudo de novo”.² Depois das guerras revolucionárias, Portugal teve que começar a reimaginar sua identidade

nacional; com o processo de “descolonização e a subsequente transição a democracia, foi destruído o esteio central do nacionalismo português”.² Essas duas obras, de 1997 e 2012, revelam que mesmo após quarenta anos, em vez de “explodir,” como projeta Gita



Figura 8. O marido de Aurora lhe dá um pequeno crocodilo de presente (*Tabu*, 2012)

na citação acima, Portugal continua a escolher permanecer ligado à história da África colonizada, pelo menos nas esferas literária e cinematográfica. Entre a Luso-África liberada e Portugal, há uma relação de amor nostálgico e indignação, um cabo-de-guerra da época colonial que continua a se manifestar nos livros e filmes portugueses até hoje. Enfim, como articula Gita, "sempre era melhor não estar sozinha".²

Gillian Maris Jones graduou-se em Anthropology and Portuguese & Brazilian Studies em Brown University '15. Entre em contato em gillian_jones@alumni.brown.edu



Figura 9. Aurora anda de moto com Gian-Luca Aventura, seu amante. (Tabu, 2012)



Fotografiada Anneliese Mesa-Jonassen, da região do Parque Estadual da Serra do Mar, no estado de São Paulo, Brasil, tirada durante o programa Summer Ecosystem Experiences for Undergraduates com a Universidade de Columbia.

Photograph by Anneliese Mesa-Jonassen, taken at the Serra do Mar state park in São Paulo, Brazil, during Columbia University's Summer Ecosystem Experiences for Undergraduates.

Anneliese Mesa-Jonassen is an undergraduate at Columbia University majoring in English & Comparative Literature, with concentrations in Sustainable Development and Visual Arts.

Black and Middle Class: Analyzing the Evolution of *Novelas* in Brazil

by L. de Paula

Introduction:

Well-known streets in Rio de Janeiro and São Paulo had become empty. Bars and restaurants had set up giant screens in their patios. The National Operator of Electric System (ONS) had organized an electrical emergency plan for the 5% increase in spending that day.¹⁷ Was it the final of the World Cup? No, it was October 19th of 2012, also known as the day Brazil stopped to watch the final chapter of the epic “Avenida Brasil.”

The power of this novela that revolved around humor, drama, soccer, and class was so intense that a candidate for mayor in São Paulo decided to postpone his rally so that people could watch the final episode. Surprisingly, this rally included the extremely popular ex-president Luis Inácio Lula da Silva, who explained: "Brazilian men and women needed to go to their homes to help Tufão (the main character who had been kidnapped)." The president Dilma Rousseff, who in 2012 enjoyed 62% approval rates, also postponed a rally for her party's candidate on that day for the same reason (Watts). As Watts wrote for *The Guardian* in 2012, "even though she was one of Brazil's most popular presidents ever, even she knew better than to challenge the prime-time power of the TV phenomenon known as soap opera." Indeed, it was a wise decision: 69% of the TV's in the country that day did watch "Avenida Brasil".¹⁷

The disrupting effect of the last chapter of "Avenida Brasil" illustrates the popularity of novelas in Brazil. Unlike Cuban and Mexican drama, these national television productions went through a process of modernization and sophistication, becoming distinctive super productions deeply connected to Brazilian national identity.¹ They are also peculiar because they count on active participation of public opinion in shaping the trajectory and outcomes of the characters. Since the entire plot is not defined at once, everything can change depending on how the audience reacts.

This very intense nature of novelas has been present in people's lives every day of the week for decades, with a bonus of a spectacular finale every 8 months.⁶ This genre was actu-

ally recently thought to have been in terminal decline as audiences switched from hackneyed storylines to cable TV and the internet, but it was revitalized by slicker HBO-like cinematography and a new generation of scriptwriters such as João Emanuel Carneiro (the writer of "Avenida"), who found success in appealing to the C-class.²⁰ Even though novelas do not speak to all Brazilians equally, in a country where their audience reaches about 40 million people per episode,¹⁴ they can indeed reveal important racial, economic, and social dynamics of the country.

Facing such an integral element to Brazilian identity, in this paper I examine how the representation of Brazilians of African descent changes through the lens of phenomenally popular novelas. The guiding questions for this paper are: how has the process of negotiation between blacks and TV taken place and how does the emergence of a black middle class impact the cast and plot of Brazilian novelas? Drawing upon a variety of articles, magazines and documentaries, I conclude that even though representation has increased non-linearly, it is still slow and relies on stereotypes. The emergence of the middle class has indeed brought changes; however, although middle class is largely black in real life, this is still not reflected in novelas. Instead of using the opportunity to challenge racial exclusion in the country, novelas have been portraying the new middle class with white actors in black lifestyles, postponing the conversations about race.

The real embodiment of the black middle class, therefore, still hasn't happened – and will not happen while authors and producers are still white.⁶ The fact is that even though novelas try to portray Brazil within the myth of racial

democracy,⁸ the analysis of them exposes contradictions that reveal the racial tension in the country.²

A Blacker Middle Class:

As we talk about the connections between the Brazilian 'new middle class' (Neri) and the modifications in novelas, it is imperative to clarify what middle class means in the context of this paper. For that, I not only include the economic point of view of FGV and the World Bank, but also include the definition of middle class as the class that has assets but also has the possibility of losing them.

According to Fundação Getúlio Vargas, the middle class is the range of people who earn from R\$ 1064 and R\$ 4591.¹³ This is the middle class in the statistical sense, and it also somewhat agrees with how the World Bank has defined it: people who earn between \$10 and \$50 a day.⁵ Also according to the FGV study, the elite classes (A & B) have incomes superior to R\$ 4591, while the D class earns between R\$ 768 (the minimum wage) and R\$ 1064. Finally, the E class (considered the poor class) earns less than R\$ 768.

These numbers and definitions are important because they allow us to see how the economy has changed in the new millennium with more clarity. Also according to FGV,¹³ the elite classes (A & B) expanded 33,6% from 2004 to 2008. The C class, which they define as the middle class, expanded 22,8% during the same period of time. According to the same FGV study, the middle class is now the biggest class in Brazil for the first time. With 43% of the population belonging to the middle class, Brazil has become, in statistical terms, a middle class country, just like the United States.

More than earnings, however, class also involves symbolic indicators such as housing, school, and lifestyle. These are expressed through consumption: the class C (most of which belonged to class D in the recent past) has never had higher access to cars, houses, computers, credit, and formal jobs. Fifteen years ago every penny was necessary to make ends meet, but now they compose 76% of supermarket sales and 60% of visits to hairdressing salons.²⁰ This connects to another definition of middle class: the class that earns enough to have a house, a car, go to the hair salon, and travel, but still has a possibility of losing that lifestyle. Not only has the middle class expanded in Brazil in statistical terms, but also in the sense that an even larger portion of the population now has the material goods and status that come with uncertainty of different levels.

Many factors have contributed to the growth of the middle class. As important explanations, I focus on two main points: first of all, Brazilians' former president Luiz Inácio Lula da Silva took office in 2003 and started programs such as "Bolsa Família," which offers monthly aid for millions of families that are committed to send their kids to school.³ Second, as the study by FGV argues, the incomes of the once poor population have increased significantly during the last years due to the growth of the economy and a betterment of the overall condition of the country.¹³

What is relevant for this paper is to notice that the income of Brazilian blacks increased over 40% between 1999 and 2009, compared to a 20% rise of whites' wealth.¹⁹ According to a study by Popular Data Institute, slightly over 60% of Brazilian blacks owned cell phones, televisions or refrigerators in 2001. In 2010, however,

ownership of these three items among blacks jumped to close to 90%, the same percentage of whites who owned these items before 2001.

There are many explanations for this change in numbers, and one of them is Dilma Rousseff's program of technological inclusion, which removed taxes from electronic devices in order to make them more accessible to lower-income classes.¹¹ Of course, the change is also due to the spread of consumer goods into the working class, as cellphones are much more accessible now. As a result, blacks' access to novelas has been facilitated through their higher access to technology.

Not surprisingly, the middle class, which is 51% black and has 75% of black entrants,¹⁵ also composes 52% of novelas' audience.⁴ Reacting to that, TV producers at Rede Globo – the channel that dominates the television industry – have been targeting its shows and lucrative product placement opportunities for that audience.²⁰ In this context, the phenomenally famous Brazilian novelas reveal the beginning of a process of negotiation for representation between the old middle class (mostly white) and the new middle class. For this reason, their history gains relevance in the context of the black resistance and representation in Brazil.

The Analysis of Black Representation in Brazilian Soap Operas:

Since the first novelas in 1951, Brazil has been portrayed almost exclusively by white characters,¹ even though it was the last country in the world to abolish slavery and has the largest black population in the world outside of Africa.¹⁶ In fact, over 50% of the Brazilian population is of African descent; however the novela with one of the big-

gest number of black in the cast was "O Clone," which took place in Morocco.¹⁰ In novelas that portray Brazil, blacks have often been present as slaves in historical plots about colonialism. Finally, in plots that attempt to show the country as it looks like today, blacks have had few roles, most of them being maids, thieves, or drug dealers, which usually disappear after a few episodes.¹⁴

An analysis of the 98 novelas exhibited by Rede Globo between 1980 and 2000 revealed that 28 of them actually had no Brazilians of African descent at all in their plots. Only in 2004, 53 years after the first Brazilian novela, did Tais Araújo become the first black actress to take a starring role in a novela by Rede Globo.¹⁴ Still, it took 6 more years for the same actress to become the first black actress to have a leading role in the novela "noble hour," the time with the largest audience, which is at 8pm.

In 2000, the black director Joel Zito Araújo launched a documentary called "A Negação do Brasil" ("The Brazilian Negation"). According to Araújo, the lack of black characters in leading and non-racially marked roles of novelas is just a reflection of a country that negates its own reality and the reality of its people. The documentary argues that this negation is a consequence of the racial prejudice that has its roots in the social exclusion of the black population in the country, which also coincides with the poorest population in Brazil.

However, the economic changes of the new millennium bring a new perspective to this situation. Now the significantly black middle class is one of the most important consumers of Brazilian TV. Therefore, in a country where its novelas have always portrayed the population as rich, white,

and Rio de Janeiro-centric,¹⁴ the need to cater to an emerging black middle class has challenged major TV companies. This carries potential to push for more representative and inclusive television in Brazil. However, although TV did switch to cater to new middle class, it still distorts the reality and portrays this middle class as mostly white.

The challenge is that even though there were many movements for change in the 90s, writers and producers are still not black.² Therefore, although there is an increase in roles given to blacks in Brazilian novelas, these roles still echo the same problems as before, since their story is being told by those who have never experienced what it means to be black and who ignore that they are an important part of the middle class now. Therefore, white actors continue to portray characters that would be black in real life, while blacks continue to be the servants. In the end, this contributes to the perpetuation of stereotypical characters and unrealistic portrayals.

In 2013, TV Globo was criticized on the internet for not having a single black character in the novela "Amor à Vida". As a response, the company said that it "decides on casting based on the artistic compatibility of the actor with the character and the plot, and not based on skin color."⁹ This reflects a denial of a deeper look into the complex issue of race in Brazil by TV Globo. It sends the message that meritocracy and fitness are prioritized over the reality of the composition of the Brazilian population. As Araújo reminds us, black characters are usually constructed to be black, and in the case that a character could be either black or white, the chosen actor will most likely be white.¹ In addition, whites even get to portray the experiences of margin-

alized black groups that they do not belong to.

It is important to point out, however, that blacks can also identify with white characters since they have been forced to over time in an often complicated relationship. The notion of "racial democracy" also contributes to that, since there is a belief that "everyone is a little black, everyone is a little white."⁸ However, there have been cases where the gap between reality and novela was so huge that blacks simply did not identify. Many have gained consciousness about the racism against them and have organized protests over time.¹²

I picked some key events from the history of novelas to illustrate this process of negotiation between blacks and TV. They also illustrate the impact of the emergence of a black middle class in casts and plots of novelas. The first one happened back in 1969, in "A Cabana do Pai Thomas." This novela portrayed the colonial Brazil through slavery, so much of the cast was black.¹ However, the director and the author decided that the actor with the leading role would be white, and in order to portray a black, the actor had to wear makeup. This black face triggered a series of protests in São Paulo. This uprising shows that even in 1969, many blacks weren't satisfied with a white representation of their ancestors' struggle.

The year of 1976, however, was marked by one of the most popular novelas to ever exist, and again, a slave was portrayed by a white actor without using black face. "Escrava Isaura" took place in colonial Brazil. The novela helped to reconstitute the national imagery of slavery and its brutality, however, Araújo claims that it is the most racist novela in Brazilian memory because it romanticized

the image of slavery and told the narrative from a white point of view.¹

In the plot, the focus is not on slavery as an injustice against blacks, but on an unfortunate white that happened to be born a slave. Slave Isaura would receive much lighter punishments and beatings if compared to the other slaves portrayed by black actors. In the scene where the slaves are set free, this freedom is portrayed as a gift by the generous white landowner who felt in love with Isaura. Araújo claims that it did not reflect black culture or the black resistance.¹

However, some attitude changes could be noticed between 1980 and 1990.¹ For example, in “Corpo a Corpo” (1984), a black female character was in the middle class for the first time. In the plot, she is an architect who falls in love with a white man – and the novela reached more popularity than expected. Globo received several letters of rejection of the interracial couple. This reflects that even in 1984, when more black actors had an opportunity to play relevant characters,¹ audiences still seemed to be uncomfortable with a black’s place in the middle class and her relationship with a white man also belonging to the middle class.

In 2006, after some years of Lula’s government with economic recovery and social programs, “Cobras e Lagartos” very clearly showed the attitude shift resulting from the emergence of blacks as consumers of TV. The starting leading characters were portrayed by four actors that were blond and had blue eyes, but the character Foguinho, a poor, black, charismatic salesman who called himself ‘homem-sanduíche’ (or sandwich-man), received all audiences’ attention. Ironically, he only had one “European” feature:

his dyed-blond moustache so he could differentiate himself from the other “zé-ninguém” (any Tom, Dick or Harry) who also tried to sell in Saara, the biggest popular market in Rio de Janeiro.⁶

At work, he was constantly attacked because of his race and was considered “dumb and ugly.”⁶ However, his cleverness guaranteed him money and social mobility, bringing him respect once he becomes rich. Still, this respect was superficial since people were interested only in his money, and not him. At first, he tried to act like the elite, making an effort to learn how to “properly dress, speak and eat.”⁶ However, because of his innocence and authenticity, he was not able to break his connections with the past. Even as part of the upper class, he maintained his values as a man from the poor periphery of Rio de Janeiro, making others from the elite feel sorry and mock at him. The popularity of this character was such that, in the middle of the plot, the author decided to give him a leading role.

It is curious that Foguinho was a black character representing the middle class, but this role was not planned when “Cobras & Lagartos” began. The character was created to be secondary and racially marked.⁶ All that Lazaro Ramos, the actor that played Foguinho, could count on was the “malandro engraçado” stereotype, which could be compared to the ‘coon stereotype’ in America. He represented the humorous and perseverant black that did not have hope until recently, but whose life changed rather quickly and suddenly⁶ with a left-wing government and the economic growth in the country.²⁰ It was easy for the new Brazilian middle class to identify with him because he paralleled their own

experience of a rapid change in influence and power.

The fact that Foguinho only had love and respect because of the money he had, in addition to the fact that people would still secretly look down on him reflected the terms on which society tolerated a black in the middle class. Still, the success of this character demystified the biased idea that black actors and characters did not have enough talent and charisma to lead in a novela.⁶ Foguinho proved that TV Globo underestimated the popularity received by portraying (black) economic ascension from class D.

TV Globo then started focusing on understanding what happened to be able to maintain the audiences it had reached with this unplanned plot. In 2011, the director of the company Octavio Florisbal declared that Globo was conducting several studies about the new C Class.⁴ He said that they had realized that while novelas would be popular by portraying sophisticated people in the past, the new middle class was now authentic and wanted to see a mirror of what it had become.

Three years later, in 2012 TV Globo indeed showed it had learned its lesson. Its epic success, "Avenida Brasil," had an entire plot based on the economic ascension of class D to the middle class. The examples of this ascension were varied, from the dreamer who became a famous soccer player to the lady who decided to open a hair salon.⁴ The novela took place in a well-known commercial suburb *periferia* (poor suburb) of Rio de Janeiro, *Madureira* (*Divino* in the plot), and calculations showed that the demographics of the characters were unprecedented, with 79% of them belonging to the "new middle class."²⁰

It is crucial, however, to note that almost all of this middle class was white. There was only one black character in the middle class (with a comic role, fulfilling the 'coon' stereotype), and the other black role was Zezé, the maid of the house of one of the emergent middle class families.

The fact that nearly all of the emerging middle class in "Avenida Brasil" was white did not correspond with the true composition of *Madureira* or the statistics about who was rising to the middle class. Still, the author drew from the black culture, habits and lifestyle to create his characters. Indeed, it would be hard to talk about *Madureira* without showing the influence of African religions and the *Baile de Charme* (a dance played in the opening credits of the novela). However, he portrayed these elements of the black culture without the black people who are behind them. This parallels "Escrava Isaura," when a white actor had a role that was obviously black. The excuses that "TV Globo decides on casting based on the artistic compatibility of the actor with the character and the plot" are not enough to hide the contradiction here.

The novela "I love *Paraisópolis*" (2016) further exemplifies these claims. Its plot takes place in the biggest favela of São Paulo, which has 56 thousand residents, 71% of them identifying as black. Although this is one of the blackest regions of the entire Brazilian territory, only 6 out of 52 characters are black.¹⁸ This is a huge contrast, for example, with Brazilian movies about favelas, which tend to be more loyal to reality. In "Cidade de Deus," most of the favela residents were black. A recent survey showed, though, that many residents of *Paraisópolis* do not feel accurately represented by the novela.¹⁸

Conclusion:

Brazilian TV has indeed had some progress in terms of black representation, especially after the 80s with more black families and a few black protagonists.¹⁰ Still, this progress has been extremely slow and non-linear. The trajectory of novelas has been a succession of advances and setbacks. However, after the beginning of the new millennium one can notice a clear effort of the novela industry to understand and portray the emerging middle class in Brazil. This, however, has been done with whites portraying obviously black roles, while blacks still play the roles of maids, security guards, drug dealers and slaves. As Araújo points out, famous actors were not able to escape these roles, even when they were already known for strong acting in theater with other types of characters.²

The difference between 1951 and 2016, therefore, is only the capacity of the black population to react and pressure for change. In reality, the black population was never able to use Freyre's concept of racial democracy as a solution for the racial question.² Miscegenation was often seen as a "passage from inferior to superior races." The following quote by Oliveira Vianna, one of the most famous members of the Brazilian elite in the beginning of the 20th century, explicitly shows this point:

"There is no fear that the 'black problem' will appear in Brazil. Before it could appear, it would be solved through the means of love. The miscegenation robbed the black element of its numeric importance, diluting it into the white population".²

In this quote, we see that the 'black problem' would not appear in Brazil, according to

Oliveira Vianna, because "love" would solve it in the first place. In other words, the mixing of races would result in a population of lighter skin tones. This would "rob the black element of its numeric importance", which means it would diminish the number of people seen as black in Brazil, not allowing for Brazil to have the "black problem," which he considered to be the growth of the black population. Therefore, he makes it explicit that miscegenation is seen as desirable because it make the population closer to whiteness, which he implies is superior to blackness.

A significant part the black population, who knows first-hand that the hypocritical myth of racial democracy does not end their struggles, has been resisting to this idea since the beginning of the history of novelas. However, as Araújo argues, the "unconscious black community" in Brazil is not bothered by the representation (or lack of it) of its own people.² Freyre's idea of racial democracy has been so deeply inculcated that what they see on TV is natural and is often passively accepted. Still, the tastes and desires of the black middle class are evident. TV wants to please them because of their purchase power. Therefore, more than ever, black movements have a greater chance of having their voices heard.

Another challenge is the divide between real society and the white elite that writes and directs novelas (Araújo, "O negro na dramaturgia"). They try to postpone the conversations about race so that Brazil and countries all over the world will continue to ignore tensions related to race in the country. Duarte argues that it seems as if there is a "necessity" of novelas to reaffirm that Brazil is a territory free from racial prejudices.⁷ Therefore, the myth of racial democracy becomes

References Appendix

De América "Hispanica" à "Latina": O Brasil como parte da ideia de América Latina

1. Matogrosso, Ney. *Água Do Céu-Pássaro*, Continental, 1975.
2. Belchior. *Aluncinação*, Polygram, 1976.
3. Baggio, Kátia Gerab. "José Verissimo: uma visão brasileira sobre as Américas." Third ANPHLAC Conference, 1998.
4. Bethell, Leslie. "O Brasil e a ideia de 'América Latina' em perspectiva histórica." *Estudos Históricos* 44.22 (2009): 289-321. Print.
5. Bonfim, Manoel. *A América Latina: Males de Origem*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2005. Print.
6. Bruit, Héctor Hernán. "A invenção da América Latina." Fifth ANPHLAC Conference, 2001.
7. Bueno, Clodoaldo, Haroldo Ramanzini Júnior, and Tullo Vigevari. "Uma Perspectiva de Longo Período sobre a Integração Latino-americana Vista pelo Brasil." *Contexto Internacional* 36.2 (2014): 549-83. Web.
8. Veloso, Caetano. *Caetano Veloso*. Philips Records, 1968.
9. Carvalho, Ronaldo. *Toda a América* 3rd ed. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 2001. Print.
10. da Cunha, Euclides. "Solidariedade sul-americana." *Contrastes e Confrontos*. 2nd ed. N.P.: Editora Porto, 1907. Print.
11. Diniz, Dilma Castelo Branco. "O Conceito de América Latina: uma visão francesa." *Caligrama: Revista de Estudos Românicos* 12.0 (2007): 129-147. Print.
12. Doratioto, Francisco Monteoliva. "A Formação dos Estados Nacionais no Cone Sul." *América do Sul e a Integração Regional*. Brasília: FUNAG, 2011. 19-43. Print.
13. Fanon, Frantz. *Les Damnés de la Terre*. Paris: Folio, 2002. Print.
14. *Ferdinand the Bull*. Dir. Dick Richard. Prod. Walt Disney. RKO Pictures, 1938. Film.
15. Feres, João, Jr. *A História do Conceito de "Latin America" nos Estados Unidos*. Bauru: Edusc, 2004. Print.
16. "Memorial da América Latina." Fundação Oscar Neimeyer, n.d. Web. 17 Aug. 2015.
17. Villafañe G. Santos, Luís Cláudio. "A América do Sul no Discurso Diplomático Brasileiro." *Brasileira de Política Internacional* 48 (2005): 185-204. Print.
18. Galeano, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2010. Print.
19. Maccari Ferreira, Alexandre. *O Cinema Disney agente da história: A Cultura nas Relações Internacionais entre Estados Unidos, Brasil, e Argentina*. Diss. UFSM, 2008.
20. Toledo, Machado, Luiz. "A Teoria da Dependência na América Latina." *Estudos Avançados* 13.35 (1999): n. pag. Print.
21. Matogrosso, Ney. "América do Sul." N.p., n.d. Web. 17 Aug. 2015.
22. Mignolo, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005. Print.
23. Neruda, Pablo. *Los Versos del Capitán*. N.p.: Seix Barral, 2012. Print.
24. Rouquié, Alain. *O Extremo-Occidente: introdução à América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1991.
25. Said, Edward W. *Orientalismo ou Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Print.
26. *Saludos Amigos*. Dir. Norman Ferguson, Wilfred Jackson, Jack Kinney, Hamilton Luske and William Roberts. Prod. Walt Disney. RKO Pictures. 1942.

27. Seitenfus, Ricardo. "A Construção da ALCA: Doutrina Monte, Destino Manifesto, ou integração soberana?." *Fundamentos das Relações Internacionais* (São Paulo: Manole, 2003). Print.
28. *The Three Caballeros*. Dir. Norman Ferguson. Prod. Walt Disney. RKO Pictures. 1942.
29. Torres Caiedo, José Maria. "Las Dos Américas." *Proyecto Filosofía en Español*. N.p., n.d. Web. 17 Aug. 2015.
30. Veloso, Caetano. "Soy Loco por ti América." N.p., n.d. Web. 17 Aug. 2015.
31. Leporace Farret, Rafael, and Simone Rodrigues Pinto. "América Latina: da construção do nome a consolidação da ideia." *Topoi* 23 (2011): 30-42. Print.
32. Ardao, Arturo. "La Idea de Latinoamérica." *Marcha*. Montevideo: 1965.

Viola Caipira e a Identidade Sertaneja

1. Bhabha, Homi K. *O Local Da Cultura*. Translated by Myriam Ávila, Eliana Lourenço De Lima Reis, and Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: U Federal de Minas Gerais, 1998.
2. Vilela, Ivan. "Na Toada Da Viola." *Revista USP* 64 (2005): 76-85. 18 Nov. 2016
<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13392/15210>.
3. Oliveira, Sidnei. "A Viola Caipira Como Estandarte." *Filosofia Ciência e Vida*. Mar. 2015, www.academia.edu/25744249/A_Viola_Caipira_como_estandarte.

Entre Livros e Filmes: A força simbólica da África no imaginário nacional português

1. Euroencyclopedia. "Eurovision 1967- Eduardo Nascimento- O vento mudou." YouTube, 23 August, 2008, <https://www.youtube.com/watch?v=5E-mYJeNpfl>.
2. Gersão, Teolinda. *A Árvore das Palavras*. Publicações Dom Quixote, 1997.
3. Lopes, A. Marques. "Guiné 63/74 - CLXXXV: Alpoim Galvão E Amílcar Cabral." Luís Graça & Camaradas Da Guiné. Blogue Fora Nada, 12 Sept. 2005, <http://blogueforanada.blogspot.com/2005/09/guine-6374-clxxxv-alpoim-galvao-e.html>.
4. Matos, Sérgio Matos. "História e identidade nacional: A formação de Portugal na historiografia contemporânea." *Lusotopie*, Jan./Jun. 2002, pp. 123-139. <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/matos.pdf>.
5. Mattoso, José. *A identidade nacional*. Digital Source, 2010. *Civilização Ibérica*, <https://civilizacaoiberica.files.wordpress.com/2010/08/jose-mattoso-a-identidade-nacional-pdfrev.pdf>
6. Momplé, Lília. "O baile de Celina." *Ninguém Matou Suhura*, Associação dos Escritores Moçambicanos, 1988, pp. 35-46.
7. Monteiro, Nuno G., and António Costa Pinto. "Cultural Myths and Portuguese National Identity." *Modern Portugal*. Ed. António Costa Pinto. Society for the Promotion of Science and Scholarship, 1998, pp. 206-217.
8. Soares, Mário. "Refletir sobre Abril." *Visão, Especial* 25 Abril 74, 2004, pp. 80-82. *Tabu*. Directed by Miguel Gomes, Film Forum, 5 Apr. 2012.

Black and Middle Class: Analyzing the Evolution of Novelas in Brazil

1. Araújo, J. Z. (2000). *A Negação do Brasil*. Brazil: Casa de Produção Executiva, João Zito Araújo Produção.
2. Araújo, J. Z. (2008). O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), 979-985. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300016>
3. Bolsa Família. (2016). Caixa. Retrieved from <http://www.caixa.gov.br/Paginas/home-caixa.aspx>
4. Castro, N. & Britto, T. (2012). A TV se Rende a Nova Classe Media. *O Globo*. Retrieved from <http://oglobo.globo.com/>
5. Ceratti, M. (2012). In Brazil, an Emergent Middle Class Takes Off. World Bank. Retrieved from <http://www.worldbank.org/>
6. de Faria, M. C. B., Fernandes, D. A. (2007). Representação da Identidade Negra na Telenovela Brasileira. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Retrieved from: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/178/179>
7. Duarte, L. (2008). *Prostituição: A Representação da Telenovela*. Retrieved from <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/LeticiaHenrique.pdf>
8. Freyre, G. (1933). *Casa Grande e Senzala*. GLOBAL; Ciências Humanas e Sociais edition.
9. Globo Responde a Críticas por Ausência de Personagens Negros em *Amor a Vida*. (2013). *Folha de São Paulo*. Retrieved from: <http://f5.folha.uol.com.br/>
10. Grijó, W. & Sousa, A. (2012). O Negro na Telenovela Brasileira: a Atualidade das Representações. Retrieved from <http://www.ec.ubi.pt/ec/11/pdf/EC11-2012Mai-09.pdf>
11. Higa, P. (2015). Fim dos Benefícios Fiscais: Governo Aumento Impostos sobre Smartphones. *Tecnoblog*. Retrieved from <https://tecnoblog.net/>
12. Lopes, P. E. (2015). Novo Estudo Confirma Sub-Representação Negra nas Novelas da TV Globo. *Centro de Estudo das Relações de Trabalho e Desigualdades*. Retrieved from <http://www.ceert.org.br/>
13. Neri, M. (2010). *A nova classe média: o Lado Brilhante dos Pobres*. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro. Retrieved from: http://www.cps.fgv.br/ibrecps/ncm2010/NCM_Pesquisa_FORMATADA.pdf
14. Sandy, M., Jezequel, M. (2015). Brazilian soap operas slowly cast black middle class. *Aljazeera America*. Retrieved from <http://america.aljazeera.com/>
15. Secretaria de Assuntos Estratégicos do Brasil (SAE). (2013). Retrieved from <http://www.sae.gov.br/imprensa/noticia/materias/populacao-negra-e-a-maior-parcela-da-classe-media-brasileira/>

